

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MARIANE CORREA SILVEIRA**

**TEMPO LIVRE, JORNADA DE TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM O  
CAPITALISMO**

**Porto Alegre**

**2017**

**MARIANE CORREA SILVEIRA**

**TEMPO LIVRE, JORNADA DE TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM O  
CAPITALISMO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Cássio da Silva Calvete

**Porto Alegre**

**2017**

CIP - Catalogação na Publicação

Silveira, Mariane Correa  
TEMPO LIVRE, JORNADA DE TRABALHO E SUAS RELAÇÕES  
COM O CAPITALISMO / Mariane Correa Silveira. --  
2017.  
72 f.  
Orientador: Cássio da Silva Calvete.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,  
Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Tempo Livre. 2. Jornada de trabalho. 3. Lazer.  
4. Consumismo. 5. Capitalismo. I. Calvete, Cássio da  
Silva, orient. II. Título.

**MARIANE CORREA SILVEIRA**

**TEMPO LIVRE, JORNADA DE TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM O  
CAPITALISMO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Cássio da Silva Calvete – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Fernando Frota Dillenburg  
UFRGS

---

Prof. Dr. Glaison Augusto Guerrero  
UFRGS

À minha avó, irmãs, e namorado pela confiança,  
apoio e amor incondicional;

## **AGRADECIMENTOS**

À minha avó Eloir, pela minha criação e por todo o apoio durante a graduação, que mesmo não entendendo muito bem do que tratava-se nunca deixou-se desistir ensinando-me a ter caráter e educação, mesmo com as dificuldades enfrentadas. Às minhas irmãs Daniela, Sabrina, Marília, Andressa que apoiaram-me desde o início da caminhada para passar no vestibular e nunca desistiram de mim.

Ao Ropson, por manter-me calma, ter o pensamento positivo e ser meu companheiro de todas as horas.

Aos colegas e professores da Faculdade de Ciências Econômicas, por proporcionarem-me o acesso aos ensinamentos grandiosos e compartilharem seus preciosos conhecimentos comigo. Agradeço ao Prof. Dr. Cássio da Silva Calvete, pela orientação e pelas oportunidades a mim oferecidas.

Por último, mas não menos importante, às minhas fiéis amigas Erika, Natacha, Déborah e Caroline pelo companheirismo de sempre, por todo apoio e pela amizade.

Que todos os nossos esforços estejam sempre focados no desafio à impossibilidade. Todas as grandes conquistas humanas vieram daquilo que parecia impossível.

*(CHARLES CHAPLIN)*

## **RESUMO**

O modo de produção capitalista exige que sejamos cada vez mais consumistas e que trabalhemos mais para obter lucro para os capitalistas, ele se estrutura no trabalho do indivíduo, que cada vez mais fica com menos tempo livre para si e com mais tempo a serviço do capital. Posto isso, o presente trabalho buscou fazer uma conceituação e comparação entre tempo livre, jornada de trabalho e capitalismo por meio de uma revisão bibliográfica na qual são analisados diversos artigos e grandes autores como Karl Marx e Paul Lafargue. O uso do tempo livre e como ele se associa com o capitalismo e a redução da jornada de trabalho também foi discutido no presente trabalho.

**Palavras-chave:** Tempo livre. Lazer. Capitalismo. Jornada de trabalho.



## **ABSTRACT**

The capitalist mode of production demands us to be more and more consumerists and to work more to obtain profit for the capitalists, it is structured in the individual's work, who has increasingly less free time for themselves and more time working to the capital. Thus, this paper aimed to conceptualize and compare leisure time, working journey and capitalism through a bibliographic revision in which many articles and great authors such as Karl Marx and Paul Lafargue. The use of free time and the way it is associated to the capitalism and the reduction of working day was also presented in this paper.

**Key words:** Free time. Leisure. Capitalism. Working day.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Quando você está fora do horário de trabalho, você: .....  | 24 |
| Figura 2 - Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho? ....  | 25 |
| Figura 3- Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?.....   | 27 |
| Figura 4 - Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você tem: .....   | 28 |
| Figura 5 - Evolução do percentual do tempo de trabalho no Brasil (Nº horas habitualmente trabalhadas por semana – todos os trabalhos – dez anos ou mais de idade) ..... | 29 |
| Figura 6 - Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular(es)? .....   | 30 |
| Figura 7 - Percepção dos trabalhadores quanto ao seu trabalho atual .....   | 39 |
| Figura 8 - Você considera trocar de trabalho por causa do tempo que você gasta com ele? .....   | 40 |
| Figura 9 - Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, você:.....  | 43 |
| Figura 10 - Forma de organização do horário de trabalho .....   | 50 |
| Figura 11 - Fluxograma explicativo da mercadoria.....   | 53 |
| Figura 12 - Esquema explicativo do ciclo que gira em torno do consumo .....   | 58 |

## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Quando você está fora do horário de trabalho, você:.....                                     | 24 |
| Tabela 2 - Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho? ...                       | 26 |
| Tabela 3 - Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?.....            | 27 |
| Tabela 4 - Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você tem: ..... | 28 |
| Tabela 5 - Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular(es)? .....                 | 30 |
| Tabela 6 - Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho você.....      | 44 |
| Tabela 7 - Países mais produtivos e a jornada anual de trabalho .....                                   | 45 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|        |   |
|--------|---|
| DIESSE | Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos |
| IBGE   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                     |
| IPEA   | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada                            |
| PNAD   | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios                         |
| SIPS   | Sistema de Indicadores de Percepção Social                          |

## **SUMÁRIO**

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | 12 |
| <b>2 TEMPO LIVRE PARA CONSUMIR</b> .....                              | 14 |
| 2.1 O que é tempo livre.....  | 14 |
| 2.2 Como o tempo livre relaciona-se com a jornada de trabalho .....   | 19 |
| 2.3 O consumismo e o tempo livre .....                                | 30 |
| <b>3 JORNADA DE TRABALHO</b> .....                                    | 36 |
| 3.1 Conceituação e contextualização da jornada de trabalho.....       | 32 |
| 3.2 A redução da jornada de trabalho e seus efeitos na economia ..... | 40 |
| 3.3 Reflexos sociais da redução da jornada de trabalho .....          | 45 |
| <b>4 O CAPITALISMO</b> .....  | 50 |
| 4.1 A redução da jornada de trabalho e o capitalismo.....             | 55 |
| 4.2 A relação entre o capitalismo e o tempo livre .....               | 56 |
| 4.3 Lazer, tempo livre e capitalismo.....                             | 61 |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                   | 65 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 67 |

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade capitalista está cada vez mais voltada ao consumo e, como um dos reflexos desta situação, têm-se a apropriação do tempo livre. Por consequência disso e tempo de não trabalho por parte do capital é cada vez mais acentuado, sendo o trabalho uma questão social, que precisa ser tratada e estudada com base nos indivíduos, no que diz respeito respectivamente às condições e jornada de trabalho.

Para Marx (2014), o trabalho é uma forma natural da distinção entre os homens e os animais, segundo o autor os homens conseguem produzir seus próprios meios de vida, produzindo assim materiais com elementos naturais e fazendo trocas de mercadoria, porém Marx é contra a exploração da força de trabalho, como será visto no decorrer deste estudo.

O presente estudo buscou investigar a questão de tempo livre, jornada de trabalho e capitalismo assim como suas causas, conceitos e consequências para o indivíduo, bem como a relação existente entre os fatos. Tendo em vista a importância do tema para compreensão do comportamento humano e, conseqüentemente, para o entendimento da sociedade capitalista, o objetivo geral deste estudo é analisar a colaboração dos principais autores que abordam o conceito de jornada de trabalho, quais as suas consequências e contribuição para a construção do tempo livre.

A metodologia utilizada foi a qualitativa, ela trata da abordagem de um problema. A pesquisa é fundamentalmente descritiva, ela “descreve, sistematicamente, fatos e características presentes em uma determinada população ou área de interesse.” (GLESSLER, 2003, p. 54). Como foi uma pesquisa descritiva, não precisou-se necessariamente partir de uma hipótese pré-estabelecida, pois de acordo com Glessler (2003, p. 54), a pesquisa descritiva “não procura, necessariamente, explicar relações ou testar hipóteses provando causa e efeito”.

Para realizar a pesquisa, foi realizada uma revisão das bibliografias existentes sobre o tema em questão. Partindo da premissa de Marx (2014) e Lafargue (1999) que consideram o tempo livre como mais uma, dentre tantas, formas de exploração do capitalismo, pois este seria destinado ao consumismo.

A importância deste estudo, bem como sua justificativa, deu-se pelo fato do entendimento e na diferença dos conceitos que podem ser confundidos, a ideia foi formulada com base em uma discussão que mostre a diferença entre tempo livre, lazer e ócio, por exemplo, que muitas vezes são associados ao um único conceito. Mocelin (2011), discorre acerca da contextualização da redução da jornada de trabalho, e definições de tempo, assim como Valquíria Padilha (1995) e Ana Clara Moreira Cardoso (2007).

Na distribuição dos capítulos, buscou-se associar os temas estudados no decorrer do trabalho, do início ao fim. O capítulo dois referiu-se ao tempo livre, no capítulo três falou-se a despeito da jornada de trabalho e por fim, no capítulo quatro realizou-se a associação ao capitalismo.

## 2 TEMPO LIVRE PARA CONSUMIR

Para associar o consumo ao tempo livre, é importante saber e entender o conceito de tempo livre, sua relação com a jornada de trabalho e com o consumismo. Assim sendo, será estudado no decorrer do capítulo os respectivos conceitos e associações.

### 2.1 O QUE É TEMPO LIVRE

Para fundamentar sobre jornada de trabalho, consumismo e capitalismo, deve-se, primeiramente, conceituar e analisar o que realmente é chamado de tempo livre. Para isso recorre-se à literatura com a intenção de descrever o que os principais autores falam acerca do tema, sendo assim, este capítulo tratará de discorrer sobre tempo livre e as interpretações dos autores selecionados.

De acordo com Aquino e Martins (2007), o tempo livre é um elemento necessário para o desenvolvimento do lazer consistindo no período em que o indivíduo tem liberdade para fazer o que achar mais importante. Para eles, o tempo livre é um dos tipos de tempo que compõem o tempo social, os outros três são: tempo socioeconômico, onde a pessoa supri as necessidades econômicas, as atividades domésticas estão inclusas nesse tempo; tempo sociocultural, que é aquele que diz respeito ao tempo destinado a fazer algo que envolva a sociedade; tempo psicobiológico, nessa categoria está o tempo em que o indivíduo está dormindo, por exemplo, é o tempo que envolve as necessidades físico e biológicas. Sendo assim, pode-se concluir que o tempo que estamos dormindo, comendo, fazendo atividades domésticas e praticando ações sociais não está incluído no conceito de tempo livre, mas sim nos elementos que formam o tempo social.

Outros conceitos importantes para a discussão acerca do tempo livre são: ócio e lazer. o Primeiro termo, deriva do latim *otium*, este sendo o fruto das horas vagas, ou também conceituado como a ocupação das horas vagas com algo prazeroso. É um conceito que passa a ideia de descanso. Já a expressão lazer é associada ao



entretenimento ou diversão, é um tempo que o indivíduo não tem obrigações, assim como o ócio. Lazer e ócio são confundidos e têm os conceitos semelhantes, ambos dizem respeito ao que se faz no tempo livre. (AQUINO; MARTINS, 2007)

Para Adorno (1995), o tempo de não-trabalho é aquele no qual a pessoa está livre das obrigações contratuais, o autor refere-se como o “tempo para restauração da força de trabalho”, este tempo é aquele destinado aos eventos que tenham um objetivo, considerado também como descontração e o tempo liberado do trabalho:

[...] portanto, quer denominemos ‘ócio’ ou ‘lazer’, segundo Adorno (1995), o tempo liberado do trabalho encontra-se atualmente sob o ‘fascínio’ do poder do capital, em relação ao qual não teríamos escolhas. Para o autor, as pessoas, ‘nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade’ (Adorno, 1995, p. 24) Isto porque no decorrer do século XX ocorreu uma migração da lógica mercantil, próprio da esfera do trabalho, também para a esfera da cultural e da vida cotidiana. (ADORNO, 1995 apud SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2012, p. 69).

Entende-se então que o tempo liberado do trabalho não é totalmente liberado, visto que existe o “fascínio” do poder do capital. Pelo fato de que o indivíduo utiliza o seu tempo liberado não só para descanso, mas também consumindo, logo não é um inteiramente liberado.

A definição etimológica de tempo livre parte da origem dos termos, tempo (como a maioria das palavras) é derivado do latim *tempus* ou *temporis*, significa que é um período que pode-se medir, é uma grandeza física, pode-se dividir a duração de acordo com o que for melhor podendo ser instante, horas, segundos, e demais denominações. Livre também é originária do latim *Liber*, que está também associado à liberdade, ou seja, que não depende de outros fatores. Assim sendo, o tempo livre é um período do qual o indivíduo não está preso a algo, podendo ter total poder de uso do seu tempo. Cabe a este trabalho associar os conceitos de ócio, lazer, tempo livre e consumismo. (DICIONÁRIO..., 2017).

Almeida (2016), associa em seu artigo a divisão social do tempo com a divisão social do trabalho, visto que usou dos escritos de Bacal<sup>1</sup> para chegar na conclusão de

---

<sup>1</sup> BACAL, Sarah. Lazer: teoria e pesquisa. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

que cada modo de produção tem sua maneira de tratar o tempo, seus critérios para dividi-lo e administrá-lo. Assim sendo, com a divisão social do trabalho, o tempo é dividido em tarefas, o trabalhador faz aquela tarefa por um determinado tempo de trabalho e fica “especializado” naquela parte de produção, aumentando a produtividade e, conseqüentemente, com essa elevação há um aumento do lucro dos empresários. Então, o período em que o indivíduo não está trabalhando ou que não está a serviço da produção com a finalidade de gerar o lucro chama-se tempo livre.

O conceito de tempo livre no capitalismo e na sociedade consumista é tido como o tempo no qual o indivíduo pode optar por realizar as atividades de seu próprio interesse. Para Faria e Ramos (2014), o tempo livre é aquele tempo destinado ao indivíduo, o tempo que o trabalhador tem para si, que não está à disposição do capitalista, porém ao pensar-se nesse sentido de “não estar à disposição do capital”, o indivíduo não poderá usufruir de seu tempo livre consumindo, por exemplo, pois estará servindo o capital.

Uma vez que os autores utilizam como base de pensamento os escritos de Karl Marx<sup>2</sup>, pode-se notar que há uma influência marxista no conceito dado pelos autores, visto que falam sobre o tempo que não é “gasto” com o capital. Porém, Padilha (1995), Cardoso (2007) e Severiano e Estramiana (2010), associam tempo livre ao consumo, logo, não necessariamente estará associado ao tempo que não está à disposição do capital.

Por outro lado, Padilha (1995) e Cardoso (2007), utilizam como base o conceito criado por Sarah Bacal, onde o tempo livre é aquele no qual o indivíduo usufrui, após o tempo necessário para as tarefas do trabalho, de diferentes formas. Cabe ao indivíduo decidir o que fazer nesse período, podendo escolher tanto o lazer quanto o ócio. Pode-se observar que ambas as autoras utilizam da mesma fonte e são de épocas diferentes, isso indica que a discussão de tempo livre sempre foi discutida, trabalhada e instigada por dúvidas

---

<sup>2</sup> Marx, K. (1978). O capital (Livro I, Cap. 6). São Paulo: Editora Ciências Humanas.

Marx, K. (1983). O capital (Vol. 1). São Paulo: Abril Cultural.

Marx, K. (1989). O capital (Vol. 6, Livro 3). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Marx, K. (2008). A miséria da filosofia. São Paulo: Martin Claret.

Marx, K. (2010). Manuscritos econômicos filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial.

Marx, K. (2011). Grundrisse. São Paulo: Boitempo Editorial, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Quando usa-se como base o artigo de Severiano e Estramiana (2012), o que percebe-se que são utilizados conceitos do dicionário de sociologia (*wörterbuch der soziologie*) os escritos de Adorno<sup>3</sup> para chegar na conceituação de tempo livre, porém a ideia é basicamente a mesma, visto que o tempo livre é classificado como tempo em que o indivíduo não está trabalhando, não está a serviço do capital e não está sendo usado para garantir lucro aos empresários. É um tempo usado para si, sem receber ordens ou cumprir horários, por essa razão é que falam a respeito do tempo que é destinado às atividades não laborais.

Ordinariamente, a categoria de “tempo livre” aponta para aquele tempo disponível ao homem após as suas atividades laborais. Ou seja, trata-se de um tempo de não trabalho no qual o homem estaria liberto dos constrangimentos do tempo de trabalho, seja para dedicar-se a outras atividades não laborais, seja para o descanso. De acordo com o dicionário sociológico *Wörterbuch der Soziologie*, há várias definições de “tempo livre”, dentre elas: “mero tempo de não-trabalho; tempo para restauração da força de trabalho; espaço para formas de descontração e de divertimento e espaço relacional destinado a fins não ‘objetivos’. O importante, no momento, a ressaltar é que segundo as conceituações acima, neste tempo o homem não estaria sob o domínio da lógica produtivista e do lucro (ADORNO, 1995, p.244 apud SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2012, p. 69).

Dal Rosso (1996), refere-se ao tempo não empregado ao trabalho de “tempo de não trabalho, por força de exclusão”:

Conceitualmente, se tempo de trabalho representa a duração das atividades diárias necessárias à preservação da vida ou voltadas para a acumulação de terceiros, o tempo de não trabalho significa, da mesma forma, apenas o tempo que as pessoas não empregam no ganha-pão diário. Para os assalariados, não trabalho é o tempo fora da jornada gasta no emprego. O número de empregos, ocupações ou trabalhos, pouco importa. Jornada é a soma de todos eles. Para os autônomos ou outras categorias, o mesmo raciocínio é válido. Não trabalho é o tempo fora da compulsão de ganhar o pão cotidiano (DALL ROSSO, 1996, p. 27).

---

<sup>3</sup> Adorno, Theodor & Horkheimer, Max (1947/1985). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.  
Adorno, Theodor (1995). *Tempo Livre*. Em *Palavras e Sinais: modelos críticos 2* (pp. 70-82). Rio de Janeiro: Vozes.

Para ele, o tempo de trabalho, em outras palavras, seria o tempo no qual o indivíduo está trabalhando para a subsistência, que ele chama de “atividades necessárias à preservação da sobrevivência”, pelo fato de que por muitas vezes o trabalhador não trabalha na profissão que gosta, mas sim trabalha em determinada área porque necessita de um salário para sobreviver

Adorno (1995), também ressalta, em sua obra, que o tempo livre é uma expressão nova, antes era chamada somente de ócio, sendo assim o conceito é antigo, porém a expressão é mais recente. Diz ainda que o tempo livre depende da situação da sociedade, como ela se encontra. Sendo assim, depende da história de cada sociedade, o tempo livre é algo que se cria gradativamente e depende muito do meio no qual está inserido, da cultura de cada lugar e ele não é criado rapidamente (ADORNO, 2005).

A conceituação e classificação de tempo livre são associadas à sociologia pois não se restringem ao âmbito do indivíduo, embora seja um pensamento particular sobre o que cada pessoa fará com o seu tempo livre, não podemos simplesmente determinar o que cada pessoa fará no seu período de lazer, ócio ou tempo livre, o que podemos fazer é entender e associar o que a sociedade está fazendo, pois em uma sociedade capitalista, obviamente, as pessoas vão querer usufruir de seu tempo que não está trabalhando ou estudando fazendo aquilo que a sociedade impõe de padrão, ou seja, seguir as tendências, comprando objetos que no outro dia já serão depreciados e assim por diante. (ABREU; ALMEIDA, 2016; ADORNO, 1995; ALMEIDA, 2016; FARIA; RAMOS, 2014; RIBAS; MANDALAZZO, 2004; SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2012).

Pode-se também associar a conceituação de tempo livre com a psicologia pois envolve os pensamentos dos indivíduos, assim como também as suas atitudes. O indivíduo precisa e têm a necessidade de sentir-se incluído em algum grupo social, as relações sociais, atualmente, podem ser muito influentes no uso do tempo livre do indivíduo. A psicologia está associada nesse aspecto, visto que a pessoa pode sentir-se obrigada a adquirir certo produto ou fazer o que o grupo social dela faz, para conseguir ser aceita. (ALMEIDA, 2016; AQUINO; MARTINS, 2007; CARDOSO, 2007; FARIA; RAMOS, 2014; FURLAN JUNIOR, 2012; SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2012).

## 2.2 COMO O TEMPO LIVRE RELACIONA-SE COM A JORNADA DE TRABALHO

Outro conceito que os autores expõem e comentam em seus textos é o de lazer, que é o que o indivíduo pode fazer em seu tempo livre, que de acordo com Padilha (2003), na sua tese de doutorado intitulada Shopping center: A Catedral das mercadorias e do lazer reificado:

A história do lazer - ocupação de um 'tempo livre' ou disponível - está inegavelmente associada à história dos tempos sociais, seus usos, suas percepções, representações e às lutas travadas para medi-los e controlá-los. Certamente, o estudo do tempo é bastante enriquecedor para a compreensão das sociedades e dos modos de vida humana, na medida em que a vida e tempo mesclam-se relacionam-se, determinam-se. (Padilha, 2003, p.190).

Pode-se observar no trecho destacado do texto de que a ideia “o que fazer com o tempo livre?” é de cunho social e histórico e depende muito da sociedade a qual o indivíduo está inserido e o contexto histórico de seu povo, pois em alguns países, o trabalho é visto como algo ligado à dignidade, se o indivíduo não trabalha ele sente-se inútil para a sociedade. Para Faria e Ramos (2014), a construção social e histórica tem muita influência na definição de tempo livre. Como já foi visto anteriormente, os referidos autores tratam, ao decorrer de seus trabalhos, os conceitos de tempo dedicado ao trabalho e tempo livre, seguindo então a linha dos demais escritores, como por exemplo Padilha (1995), Severiano e Estramiana (2012), Adorno (1995) e Almeida (2016), não só na conceituação de tempo livre, mas também na ideia de que o trabalhador dispõe de um tempo no qual não está servindo ao capital e que isso está ligado ao sistema capitalista.

Um fator muito importante na questão do tempo livre é a redução da jornada de trabalho, obtida através das lutas organizadas pelos trabalhadores para conseguir melhores condições de trabalho e redução da jornada de trabalho. Padilha (2003), afirma que a luta pela redução da jornada de trabalho se intensifica no final do século

XIX, em virtude da inserção das máquinas nos locais de trabalho, aumentando a produtividade sem que a jornada fosse diminuída.

Lafargue (1999), na obra intitulada “O Direito à Preguiça” defende a redução da jornada de trabalho, pois essa, quando excessiva, faz mal ao trabalhador uma vez que o mesmo deve ter o seu direito à preguiça assegurado e com isso terá mais prazer em sua atividade laboral. Ana Cláudia Moreira Cardoso cita Lafargue em sua obra:

Faz-se irresistível a lembrança de Paul Lafargue em “O Direito à Preguiça”, de 1880, editado na contramão daquele momento histórico que enaltecia a separação entre economia e sociedade e proclamava o direito ao trabalho, Lafargue fala sobre a paixão pelo trabalho diante da observação de que os próprios trabalhadores estavam dominados pelo vício do trabalho e que nada iria convencê-los a abandoná-lo. Então, uma solução possível, isto é, aceita pelos próprios trabalhadores, seria a redução drástica na duração do trabalho ao invés da luta pelo fim do trabalho. (LAFARGUE, 1999 apud CARDOSO, 2007, p. 29).

Tanto Padilha (1995, 2003), quanto Cardoso (2007), usam dos pensamentos de Lafargue (1999), e de Marx (2014), para consolidar suas conclusões nas suas obras. Lafargue e Marx são a favor da redução da jornada de trabalho para que o trabalhador possa usufruir de um maior tempo livre, ou, até mesmo, corrigindo a frase, para que os trabalhadores tenham um tempo livre, antes não existente, uma vez que com o surgimento das indústrias, o trabalho aumentou e quem controlava o tempo dos indivíduos empregados das grandes indústrias eram os donos das mesmas.

Marx (2014), e Lafargue (1999), sugerem que os empregados trabalhem menos, ou seja, referem-se a uma redução da jornada de trabalho, porém juntamente com essa redução sabe-se que a atividade poderá ficar mais intensa, pois o rendimento não pode reduzir e, não só a intensidade, mas também o salário do trabalhador poderá diminuir, pois os capitalistas não querem perder a produtividade de seus empregados e não pagarão o mesmo salário para trabalharem menos horas, mesmo que o rendimento não caia. Se a jornada de trabalho é reduzida, o tempo livre aumenta, com isso ter-se-á mais tempo para o lazer. Todavia o salário será reduzido, o que resulta em um dilema: trabalhar mais para ter um salário melhor e aproveitar o tempo de lazer ou trabalhar menos (com a redução da jornada de trabalho) para ter

mais tempo de ócio? De acordo com Marcellino (1990 apud SEVERINO E ESTAMINA, 2012, p. 69):

[...] em um tempo liberado do trabalho, teríamos a atividade vinculada a um tempo de lazer, enquanto que o repouso e a contemplação estariam relacionados a um tempo de ócio. Isso pressupõe uma possibilidade de escolha, por parte do indivíduo, entre entregar-se ao ócio ou exercer atividades de lazer, ambas dissociadas do tempo de produção (MARCELINO, 1990 APUD SEVERINO E ESTAMINA, 2012, p. 69)

Pode-se comparar os pensamentos de Bacal (1988) e de Nelson C. Marcellino (1990), pois ambos mencionam lazer e ócio separadamente. Contudo, há autores como Joffre Dumazedier<sup>4</sup> apud Padilha (2003), que conceituam lazer como sendo um aglomerado de ocupações, defendendo a ideia de que a pessoa pode fazer o que for mais conveniente, descansar, sair, entre outras atividades do indivíduo uma vez que encontrar-se livre de obrigações familiares, profissionais e sociais. Com isso, percebe-se que não há menção ao ócio, já que no conceito de lazer do autor citado, inclui-se o tempo para repousar, sendo este o ócio na visão de Bacal (1988) e Marcellino (1990). Porém para Marx, a liberdade de escolha para reduzir a jornada de trabalho é comprometida pela ameaça de demissão.

Retomando a discussão acerca da redução da jornada de trabalho, Ribas e Mandalozzo (2004), destacam que a redução da jornada de trabalho é uma questão histórica. A jornada de trabalho era muito rígida, principalmente com as mulheres e crianças, muitas vezes afetava a saúde por consequência das condições de trabalho que os empregados encontravam-se expostos, esse foi um dos motivos que desencadeou a luta da classe operária pela redução da jornada de trabalho. Com a jornada de trabalho muito longa, às vezes o trabalhador consegue ser produtivo nas primeiras horas e depois o corpo e a mente já estão cansados, por esse motivo existem estudos divulgados pelos meios de comunicação (REDUÇÃO..., 2010; CIDADE..., 2015) mostrando que é possível aumentar a produtividade reduzindo a jornada de trabalho.

---

<sup>4</sup> DUMAZEDIER, J. (1994), A revolução cultural do tempo livre, São Paulo: Studio Nobel/ SESC.

A redução não é só para aumentar o tempo livre, torna-se importante também por questões de saúde e bem-estar. Os autores estudados citam o caso de mulheres e crianças, pois no início da revolução industrial, elas trabalhavam muito e de forma precária, era uma mão de obra necessária, visto que não existiam máquinas para todo o tipo de tarefa e necessitava-se de mãos e pessoas pequenas para colocar peças em lugares que os homens, por terem uma estatura maior, não conseguiam. Com a luta de classes e luta pela redução da jornada de trabalho, o tempo dedicado ao trabalho foi diminuindo para que essas mulheres e crianças pudessem descansar e alimentar-se. Para Mocelin (2011, p. 101):

O impacto social de uma medida como a redução da jornada de trabalho pode vir a ser social e economicamente significativo, mas pode seguir diversos caminhos e assumir resultados diferentes, dependendo do período histórico e do contexto cultural e institucional em que ocorre. (MOCELIN, 2011, p. 101).

Voltando a situação de que tudo depende da cultura, da história e do contexto de cada país, o trecho de Mocelin (2011), destaca exatamente isso. O autor segue ainda dizendo que:

[...] o debate sobre a redução da jornada de trabalho refere-se à redução das horas que são cumpridas no emprego, em uma relação contratual de trabalho assalariado, subordinado e heterônomo (prestado para um empregador). Portanto, usa-se a expressão “redução da jornada de trabalho” quando se faz referência à “redução de tempo dedicado ao trabalho no emprego”, diário, semanal ou mensal. Reduzir a jornada de trabalho não significa necessariamente que as pessoas venham a trabalhar menos, pelo contrário, as pessoas poderão trabalhar mais, mas em atividades por elas escolhidas e sem remuneração, ou seja, em atividades não fundadas exclusivamente na racionalidade econômica. Reduzir a jornada de trabalho significa que as pessoas passariam menos tempo no emprego ou vendendo sua ‘força de trabalho’, É uma discussão que essencialmente refere-se ao tempo regulado de trabalho. (MOCELIN, 2011, p. 102).

O que Mocelin (2011), destaca é que a jornada de trabalho é aquela na qual firma-se um contrato entre o empregado e o empregador para cumprir uma carga horária que está descrita no documento acordado. O trabalho doméstico e o que é

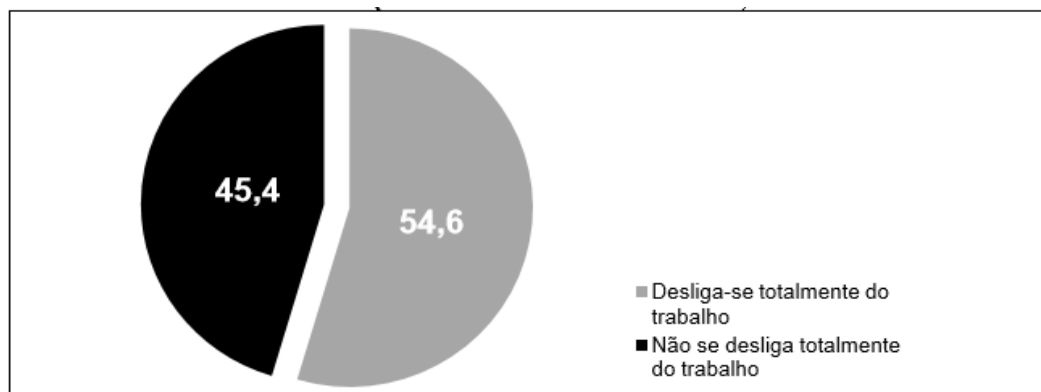


feito para ter ganhos autônomos não entra no debate sobre a questão desse documento, porém, não enquadram-se na classificação de tempo livre, seria um tempo extratrabalho. O autor ainda destaca nas suas considerações finais que o processo de redução da jornada de trabalho não pode ser visto como negativo, mas que deve ter algumas avaliações (MOCELIN, 2011, p. 116).

Sendo assim, pode-se concluir que realmente as mudanças dependem de cada país, cada caso é particular pelo fato de envolver culturas diferentes e sociedades com costumes locais diferentes, não pode-se considerar fazer algo unificado, cada parte do mundo tem a sua legislação e é necessário respeitá-las para que possa-se ou tente-se alterar algo neste sentido, como por exemplo, alterar/reduzir a jornada de trabalho.

Em 2012, o Ipea divulgou um relatório intitulado “Trabalho e Tempo Livre”, com o intuito de divulgar uma pesquisa feita através de informações de 3.796 residentes em áreas urbanas, pessoas com pelo menos 18 anos e com pelo menos um trabalho remunerado na semana de referência do levantamento, dentre os objetivos da pesquisa, está o que é relevante para este estudo: “relação entre o tempo de trabalho e o tempo extratrabalho (ou tempo livre)”. Algumas das análises foram realizadas para deduzir se o indivíduo usa o seu tempo livre com compromissos do trabalho ou se o tempo que é dedicado ao trabalho influencia na qualidade de vida.

De acordo com a pesquisa citada, há uma associação direta entre as variáveis citadas acima, em um grau razoável, a pesquisa utilizou-se da estatística para chegar aos seus resultados. Na questão na qual quer saber se o indivíduo consegue se desligar totalmente do trabalho, 54,6% dos entrevistados afirmam que sim, como visto no gráfico extraído do relatório:

**Figura 1 - Quando você está fora do horário de trabalho, você:**

Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

Dos 45,4% que não se desligam totalmente do trabalho, ficam de prontidão, caso seja necessário voltar ao trabalho, conforme a figura a seguir:

**Tabela 1 - Quando você está fora do horário de trabalho, você:**

|  | p.p.         |
|--|--------------|
| Fica de prontidão, pois pode ser acionado para alguma atividade extra        | <b>26,0%</b> |
| Planeja ou desenvolve atividades referentes ao trabalho via internet/celular | <b>8,0%</b>  |
| Procura aprender coisas sobre o trabalho                                     | <b>7,2%</b>  |
| Exerce outro trabalho remunerado   | <b>4,2%</b>  |
| <b>TOTAL</b>   | <b>45,4%</b> |

Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

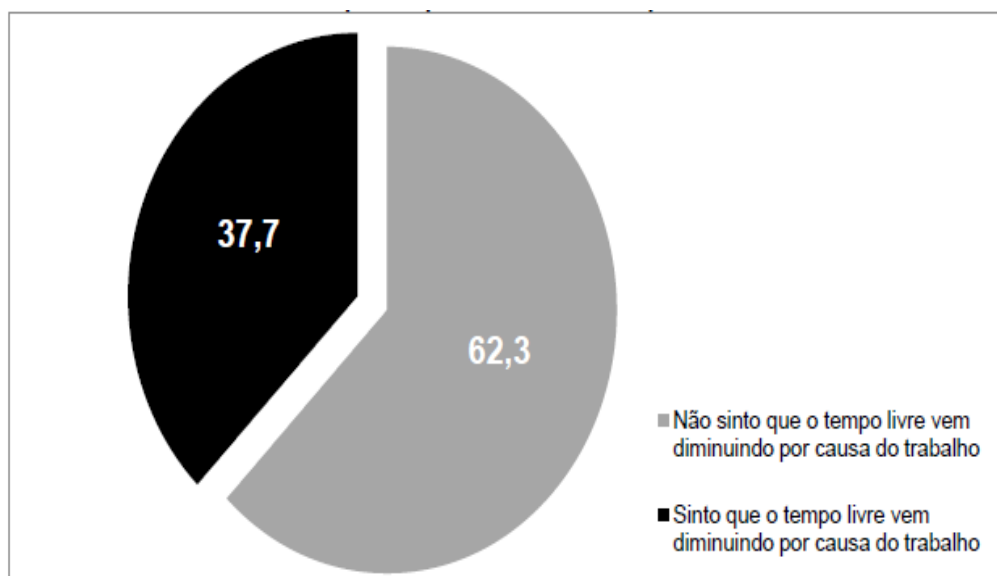
O relatório analisado fez uma constatação de que os trabalhadores assalariados têm uma maior facilidade no que diz respeito a desligar-se do trabalho, do que os autônomos. Mais especificamente essa facilidade é 1,6 vezes maior para o trabalhador assalariado do que para o trabalhador autônomo.

Porém sabe-se da existência de empregadores que contratam os funcionários para trabalhos na categoria Home Office, ou seja, o empregado recebe para trabalhar em casa, o que é bom para muitas pessoas, porém ao levar em consideração a divisão

entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, nessa situação específica essa relação some. Pois as pessoas têm metas de produtividade para realizar em determinado tempo, e acaba confundindo com o período no qual ela poderia estar usufruindo com sua família, amigos, entre outros. A facilidade às vezes mascara, e isso para as empresas é ótimo, visto que as mesmas têm muitas vantagens, elas alcançam os objetivos estipulados e não tem, por um lado, alguns gastos com trabalhadores presentes na empresa de modo físico, como por exemplo, água, luz, alimentação, transporte, entre outros. O indivíduo, como funcionário, estará usando os recursos que ele mesmo paga.

Outro ponto analisado e observado no relatório diz respeito a questão do saber se o entrevistado sente que o tempo livre vem diminuindo por conta do trabalho. Constatou-se que 37,7% dos entrevistados sentem que sim pelo fato de que de acordo com o relatório, as atividades exigidas no trabalho tornam-se excessivas, exigindo então do trabalhador, por muitas vezes, que tarefas tenham que ser levadas para casa, e também pelo fato de que o tempo gasto no deslocamento até o trabalho e no retorno à casa é demasiado. Já 62,3 % acham que o tempo livre não vem diminuindo por conta do trabalho.

**Figura 2 - Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho?**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

Dentro dos 37,7% a distribuição ocorre da seguinte forma:

**Tabela 2 - Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho?**

|   | p.p.         |
|---|--------------|
| Sim, por causa do excesso de atividades no trabalho                       | <b>18,0%</b> |
| Sim, por causa de ter que levar trabalho para casa                        | <b>5,3%</b>  |
| Sim, por causa do maior tempo gasto com transporte para o trabalho        | <b>4,8%</b>  |
| Sim, por causa da maior exigência de qualificação para o trabalho         | <b>3,7%</b>  |
| Sim, por causa de ter que estar de prontidão para emergências no trabalho | <b>2,6%</b>  |
| Sim, por outro motivo   | <b>3,4%</b>  |
| <b>Total</b>  | <b>37,7%</b> |

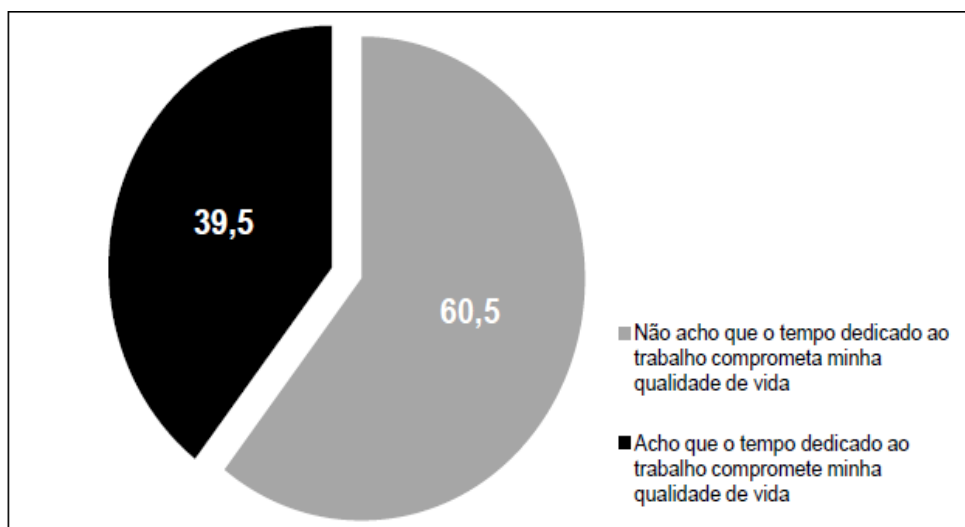
Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

A maioria dos entrevistados - que responderam afirmativamente à pergunta - justificaram essa resposta por causa do excesso de atividades no trabalho. Geralmente, funções que estipulam metas têm tal preocupação por parte dos empregados, visto que a cobrança é muito grande e como, em alguns casos, envolve comissão, o trabalhador sente-se na obrigação de cumprir as metas ofertadas, abdicando do seu tempo livre.

Uma jornada de trabalho muito longa, além de afetar fisicamente, também traz prejuízos emocionais e psíquicos ao indivíduo. O nível de estresse muitas vezes é tão elevado, que em seu tempo livre a pessoa pode ter consequências na sua saúde como dor de cabeça, por exemplo, isso pode ser associado ao desgaste excessivo no trabalho. (FURLAN JÚNIOR, 2012).

Porém, no relatório do Ipea, a maioria dos entrevistados, sendo esses 60,5%, não acha que o tempo dedicado ao trabalho comprometa a qualidade de vida:

**Figura 3- Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

Dos 39,5% que acham que o tempo dedicado ao trabalho compromete a qualidade de vida, a maioria justificou isto pelo fato de que a situação gera cansaço e estresse, conforme distribuição a seguir:

**Tabela 3 - Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?**

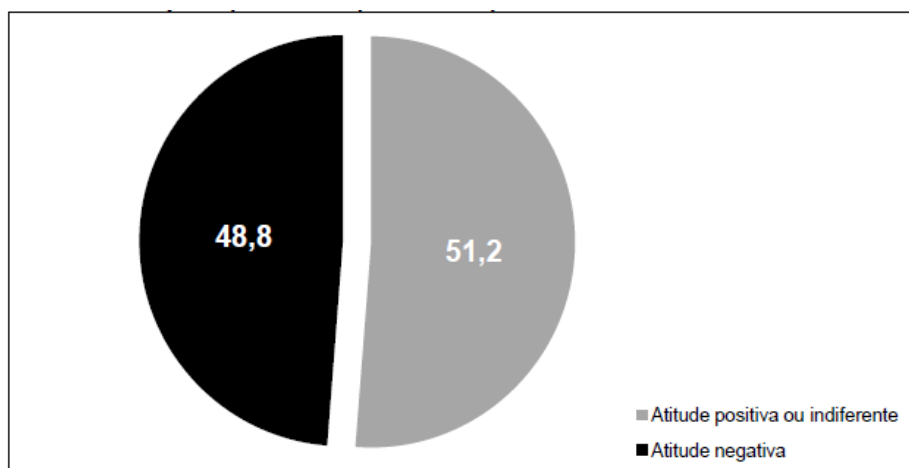
|  | p.p.         |
|--|--------------|
| <b>Sim, pois gera cansaço e estresse</b>                                     | <b>13,8%</b> |
| <b>Sim, pois compromete minhas relações amorosas/minha atenção à família</b> | <b>9,8%</b>  |
| <b>Sim, pois compromete meu tempo de estudo/lazer/atividades físicas</b>     | <b>7,2%</b>  |
| <b>Sim, pois compromete minhas amizades</b>                                  | <b>5,8%</b>  |
| <b>Sim, pois gera perda de motivação para o próprio trabalho</b>             | <b>2,9%</b>  |
| <b>Total</b>   | <b>39,5%</b> |

Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

Quando os entrevistados foram questionados sobre qual sua postura, se positiva ou negativa, se caso precisassem dedicar o seu tempo livre às atividades do

trabalho, as respostas ficaram bem distribuídas, do total de entrevistados 51,2% se posicionaram em ter uma atitude positiva ou indiferente.

**Figura 4 - Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você tem:**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

**Tabela 4 - Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você tem:**

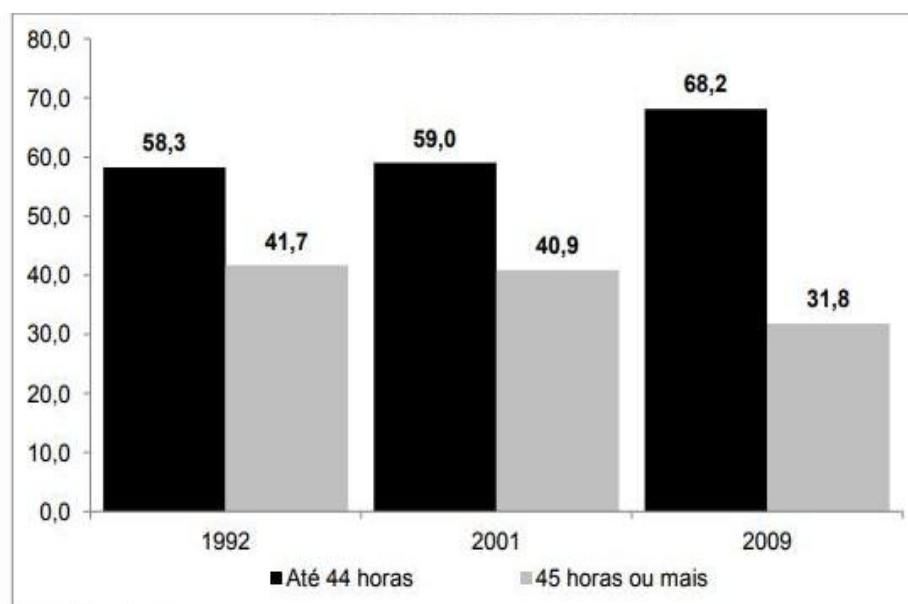
|  | %       |
|--|---------|
| <b>Atitude positiva ou indiferente</b>                         |         |
| Feliz, pois está fazendo o que gosta                           | 42,0%   |
| Indiferente, pois nunca tenha o que fazer quando está de folga | 9,2%    |
| <b>Atitude negativa</b>  |         |
| Conformado, pois precisa manter o emprego                      | 36,7%   |
| Triste, pois não sente prazer no que faz                       | 5,1%    |
| Revoltado, pois o tempo livre deveria ser para outras coisas   | 7,00%   |
| Total  | 100,00% |

Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

Na figura a seguir percebe-se que houve uma redução no percentual de pessoas que trabalham jornadas superiores a 45 horas. Os indivíduos que ficam no trabalho por 45 horas ou mais diminuiu em todos os períodos analisados, de acordo

com IBGE/Pnad (de 41,7% em 1992 para 40,9% em 2001 e essa diminuição também ocorreu no próximo período, de 40,9% em 2001 para 31,8% em 2009).

**Figura 5 - Evolução do percentual do tempo de trabalho no Brasil (Nº horas habitualmente trabalhadas por semana – todos os trabalhos – dez anos ou mais de idade)**



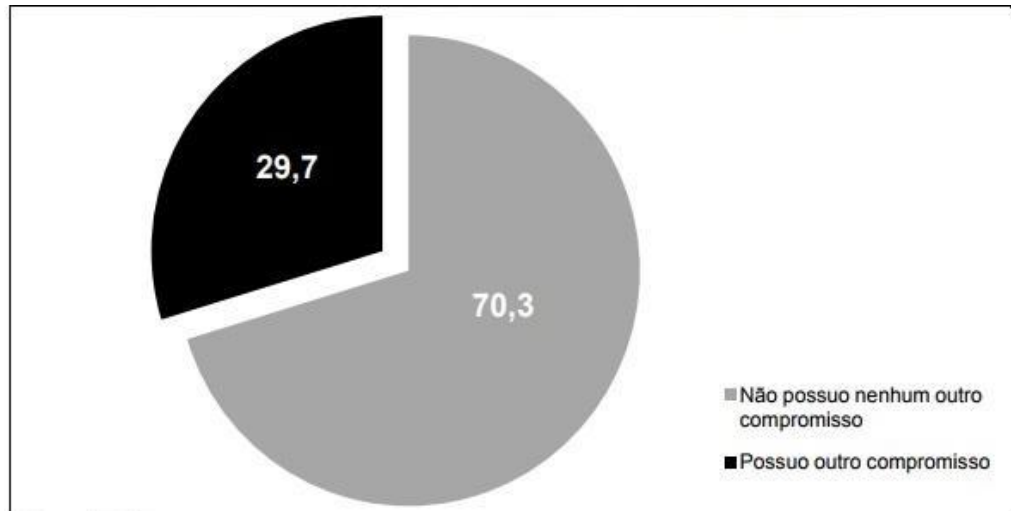
Fonte: IBGE/Pnad. Elaboração: Ipea/Sips (2012).

Outra observação realizada a partir do gráfico demonstrado é que a queda foi mais acentuada no segundo período analisado de 2001 para 2009. Porém, autores como Mocelin (2011), descreve lazer e tempo livre como sendo desocupações com tudo, até com os serviços domésticos, sendo assim, o tempo livre é ainda menor, visto que muitas pessoas chegam em casa após o trabalho e fazem as obrigações de casa. Também encontram-se casos em que a pessoa tem um outro serviço como autônomo, mas por motivo de não conseguir o seu sustento apenas com essa ocupação, torna-se necessário continuar com o trabalho convencional, de carteira assinada e a estabilidade econômica que ele traz.

Seguindo esta linha, de acordo com o relatório do Ipea, 29,7 % dos entrevistados conseguem assumir que têm compromissos regulares – atividades religiosas, estudos, atividades esportivas, outro trabalho - além do tempo do trabalho remunerado. Daqueles que conseguem assumir esses compromissos, 7,1% dedicam o tempo às atividades religiosas, outros 5,9% aos estudos, já às atividades esportivas

são 5,9% que dedicam-se, 6,2% assumem que têm compromissos com outro trabalho remunerado e apenas 2,5% dedicam o tempo ao trabalho voluntário.

**Figura 6 - Além de seu trabalho, você possui outro (s) compromisso(s) regular(es)?**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

**Tabela 5 - Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular(es)?**

|  | <i>p.p</i> |
|--|------------|
| Sim, devolução religiosa                               | 7,1%       |
| Sim, outro trabalho remunerado                         | 6,2%       |
| Sim, atividade de estudo                               | 5,9%       |
| Sim, prática ou treinamento esportivo                  | 5,9%       |
| Sim, trabalho não remunerado ou voluntário fora do lar | 2,5%       |
| Sim, outra atividade                                   | 2,0%       |
| Sim, atividade política/sindical                       | 0,2%       |
| Total  | 29,7%      |

Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

### 2.3 O CONSUMISMO E O TEMPO LIVRE



O consumo está muito relacionado ao tempo livre, Almeida (2016), em seu artigo “Tempo Livre e Consumo na Sociedade Capitalista” levanta uma discussão de que o tempo livre, é o tempo que o trabalhador não está à disposição do capital, porém, numa sociedade onde o consumo é muito forte, essa liberdade do capital pode ser limitada ou nula, o autor chama de consumo programado, como se o tempo não fosse totalmente livre.

Pode-se relacionar isso com a tese de Padilha (1995), que usa o Shopping Center para exemplificar um local privado, no qual as pessoas vão usufruir do seu tempo livre. Porém o que se faz em um centro comercial além de consumir? Conclui-se que se o indivíduo gosta de usar o seu tempo livre indo ao cinema, por exemplo, ele está consumindo um serviço e está à disposição do capital.

Alguns trabalhadores são incentivados a continuar em seus empregos por causa do consumo, não só como meio de subsistência e de poupar dinheiro, mas também com o intuito de comprar objetos novos, viajar, entre outros. Ao analisar-se questões como esta, observa-se que a maioria das atividades que podem ser feitas no tempo livre estão conectadas ao consumo.

Neste aspecto, também pode-se usar da psicologia para explicar o consumismo. Recentemente Richard Thaler ganhou o prêmio Nobel de Economia por relacionar Economia e Psicologia, visto que o ato de consumir é racional. Valendo-se dessa racionalidade, uma pessoa que necessita de uma garrafa de água não precisa comprar quatro, uma vez que só tem-se a necessidade de uma e existe o conhecimento disso, porém nem todos agem dessa forma, adquirindo somente o imprescindível, esta é justamente a questão que Thaler analisa e parte da premissa que os seres humanos não são sempre racionais e que as decisões dependem da cultura da sociedade. (ARMSTRONG III, 2017).

Na sociedade capitalista, onde o objetivo é o lucro, o consumo é o fator essencial. Pode-se observar que há uma espécie de dependência dos indivíduos, uma necessidade de ter um celular de última geração, uma roupa da moda, um novo carro a cada ano que se passa, entre outros. Porém, principalmente na área da tecnologia, cada vez que um eletrônico é lançado, um outro modelo superior já está sendo desenvolvido, esperando para ser lançado. Essas características fazem pensar que o consumismo toma conta do ser humano de uma forma exacerbada. De tal maneira

que, muitas vezes, no tempo que o indivíduo caracteriza como livre, ao invés de estar passeando com a família ou até mesmo descansando em sua casa, ele consome. As relações sociais acabam sendo diminuídas à aquisição de objetos, logo, para sentir-se incluído na sociedade, é necessário viver esses padrões. (ABREU E ALMEIDA, 2016; CARDOSO, 2007; RIBAS E MANDALOZZO, 2004; SEVERIANO E ESTRAMIANA, 2012).

Contudo, Almeida (2016), ressalta que o consumo é uma etapa essencial para o sistema de produção capitalista, ou seja, é uma necessidade do capital, porém critica-se no artigo a existência do consumo exagerado, chamado também de consumismo, aquele que é classificado como: consumir por status. A conclusão do autor é que não existe tempo livre no capitalismo, mas um tempo que também é controlado pelo capital, ressalta também que o consumo se tornou alienado, visto que a sociedade fica mais desigual ao passar do tempo e avanço da sociedade, o autor também frisa que o individualismo é incentivado e gera uma competição, o que não é saudável ao pensar-se no ponto de vista do indivíduo.

O consumismo também exige que a pessoa tenha poder aquisitivo para usufruir de suas propostas, sendo assim, para consumir o indivíduo deve ter dinheiro, para ter dinheiro deve trabalhar e para consumir mais, deve trabalhar mais. Isso acaba fazendo com que o seu tempo livre, tempo de lazer, de ócio diminua ou não exista.

Padilha (2003), associa lazer diretamente ao consumismo, uma vez que menciona o shopping center, visto que, de acordo com a autora, as pessoas vão a estes espaços em seu tempo livre, que seria o seu tempo de lazer, para fazer compras, destaca ainda que deve-se observar os locais e as formas que o lazer ocorre, em sua tese a autora busca estudar o shopping além do espaço de consumo, mas como um centro urbano de convivência (PADILHA, 2003, p. 237).

O que percebe-se é que, de acordo com Padilha (2003), a sociedade capitalista exclui os menos favorecidos, ou seja, os que não têm dinheiro suficiente para frequentar os shoppings, fazendo com que a desigualdade só aumente. Essas reflexões levam ao pensamento citado anteriormente de que, pelo fato do indivíduo, sentir-se excluído por não ter dinheiro para usufruir de seu tempo de lazer, queira trabalhar mais, almejando um maior salário para que assim possa usufruir do que oferece-se, porém acaba não tendo o mesmo tempo que tinha anteriormente. Os

indivíduos buscam por status, pois se conseguem “gastar” seu tempo de lazer no shopping, sentem-se superiores àquelas que têm menos condições, logo, dessa maneira, a desigualdade social só aumenta.

Concordando com a lógica de Marx, chega-se à conclusão de que os indivíduos que se entregam ao consumismo são alienados, são influenciados pela sociedade, pela mídia e publicidade para consumir cada vez mais. O ato de comprar o que não tem necessidade, apenas porque a maioria das pessoas tem é o que podemos dizer, na visão de Marx, que o valor de uso da mercadoria não é tão alto. (ALMEIDA, 2016).

Padilha (1995), faz a associação do consumo com a publicidade que, de fato, tem muita influência na decisão dos consumidores, pois é através dela que as grandes marcas, são divulgadas, fazendo com que as mesmas fiquem mais visíveis e, conseqüentemente, “na moda”. A publicidade interfere na decisão do consumidor criando, por muitas vezes, uma espécie de insistência e deixa a ideia de necessidade de ter o objeto, despertando assim o desejo de compra. Os comerciais publicitários passam uma ideia de felicidade: caso os consumidores adquiram o objeto que está sendo anunciado, o grau de felicidade será elevado.

Ainda, como Thaler (apud ARMSTRONG III, 2017), coloca em sua pesquisa, o consumo e esse grau de felicidade interfere diretamente psicológico do indivíduo envolvido. Separa-se a necessidade do desejo de ter determinado produto. O tempo livre e o consumo também estão relacionados ao ponto de vista da produção, onde um trabalhador de uma fábrica, ou, grande empresa, trabalha todos os dias na construção de um objeto que ele mesmo almeja, a mesma pessoa que produz, consome a mercadoria, ou seja, participa da etapa inicial - que é a produção - e da etapa final, que é o consumo. Retorna-se então à discussão de pensar que o tempo livre, não é o tempo livre do capital, tudo ao redor do indivíduo envolve algum tipo de consumo, é muito difícil realizar alguma atividade de lazer nos momentos destinados a isso, sem que tenha-se que consumir algo.

Para Abreu e Almeida (2016), o capitalismo mudou a percepção do trabalho, antes ele era visto como algo necessário aos olhos de Deus, como obrigação moral, e agora passa a ser encarado como algo necessário para que o indivíduo consiga cada vez mais coisas materiais, algo mais terrestre, levando em consideração também

que quanto mais bens o indivíduo tem, mais alta é a classe social na qual está inserido influenciando na sua qualidade de vida.

Os autores citados acima dizem ainda, que o lazer foi outra mudança que ocorreu na sociedade capitalista, onde os pensamentos são focados no trabalho e no consumo. O lazer acaba ficando em segundo lugar, não deixando de ser usufruído consumindo, seja álcool, festas, reuniões religiosas, entre outros.

Dito isto, frisa-se que globalização e o acesso à internet são fatores muito importantes quando o assunto aborda as relações sociais e consumo, levando em consideração o fato de que o indivíduo pode pensar que ficar em casa navegando na internet não é consumir. O indivíduo, nessa posição, passa a estar errado, uma vez que a internet é um serviço consumido e pago. Com ela, as relações sociais ficam facilitadas e o acesso à informação e à publicidade também, logo, o que pode-se perceber é que parece que o indivíduo encontra-se em um ciclo, no qual o mesmo gira em torno do consumo, visto que numa sociedade capitalista é assim que os processos acabam acontecendo. O consumo final acaba sendo o fato essencial para que o processo de produção seja finalizado com sucesso. (ABREU E ALMEIDA, 2016).

A discussão do tempo livre, tempo de não trabalho e tempo livre do capital, como visto neste capítulo, é relatada por cada autor de uma forma diferente, porém a essência do conceito e a carga psicológica e social que esse conceito traz é o mesmo. Independente do autor que for estudado, o debate ainda é muito vivo, o tempo livre não é de uso somente do indivíduo, pois na sociedade capitalista esse tempo é de uso do capital, sendo assim muito difícil usufruir desse tempo mantendo-se totalmente livre do capital.

É claro que também pode-se associar ao estilo de vida que o indivíduo quer levar, pois como visto anteriormente, cada pessoa é dona de si mesma, e é aí que entra a psicologia com a colaboração para entender a mente do ser humano. Objeto de estudo esse do vencedor do prêmio Nobel de Economia 2017, onde estuda-se a economia comportamental como tendo muita ligação com o que foi apresentado neste capítulo, e, que será estudado no decorrer do trabalho.

O ócio e o trabalho existem há muito tempo, porém o tempo livre passou a ser mais discutido após a Revolução Industrial, onde as relações de trabalho ficaram

muito conturbadas, visto que a exploração do trabalhador era visível, daí que surgiram as classes operárias com as lutas sindicais para conseguir melhor condições de trabalho, redução da jornada de trabalho e conseqüentemente um maior tempo livre. (MOCELIN, 2011; FURLAN JUNIOR, 2012).

### 3 JORNADA DE TRABALHO

Sabe-se da importância da discussão acerca da Jornada de trabalho para a contextualização do tempo livre, visto que com a sua redução, o tempo livre aumenta. Essa discussão torna-se importante pois trata-se de um tema que contempla a sociedade, e não o indivíduo de forma particular, qualquer alteração e projeto de lei, influenciará na vida da sociedade como um todo, afetando demais indivíduos.

Lafargue (1999), inspirado em Marx, é um autor que reivindica a redução da jornada de trabalho e acredita que seja um benefício, uma vez que a superprodução é um malefício para o próprio trabalhador, que deve buscar por meio de luta o seu “direito à preguiça”, porém para que esse direito seja possível é necessária uma redução na jornada de trabalho. Lafargue (1999), também defende o direito ao ócio, é contra, assim como Marx, que o tempo livre seja utilizado no consumo, ambos autores defendem o trabalho como uma forma do homem dominar as forças da natureza, algo que deve servir para a subsistência e não para o lucro de terceiros de forma exploratória, como acontece no sistema capitalista.

#### 3.1 CONCEITUAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO

Jornada de trabalho significa a carga horária, ou seja, o período no qual o indivíduo está trabalhando, ela está ligada ao sentido de grandeza. A palavra jornada deriva do latim *die*, que significa dia, ela carrega o sentido de tempo de trabalho. Inicialmente usava-se o termo jornada para referir-se a atividades realizadas, necessariamente, durante o dia, principalmente nos trabalhos agrícolas, pois usava-se a luz solar para auxiliar nas suas tarefas. Com o avanço da tecnologia, como uma das consequências, a invenção da energia elétrica, o termo jornada passou a ser usado para qualquer período do dia, existindo inclusive jornada de trabalho noturna.

O tempo que o empregado está a serviço do empregador é denominado jornada de trabalho, (\_\_\_\_\_. META II<sup>5</sup>, 2007; FURLAN JUNIOR, 2012)

Furlan Junior (2012) faz uma construção da jornada de trabalho:

No fim do século XVII, quando o protestantismo consolidou-se e iniciou-se sua propagação, as sociedades passaram a lidar com o trabalho e, conseqüentemente, com o tempo de trabalho. Para a análise do tema, é primordial a abordagem do espaço e tempo que o trabalho ocupou nas sociedades, desempenhando seu papel como atividade física ou como um valor em si de extrema importância. A partir desse momento histórico, o tempo passa a ser visto como aliado dos empregadores, que o consumiam com racionalidade a fim de atingir a riqueza e o lucro. O tempo passou a ser dedicado ao trabalho. (FURLAN JUNIOR, 2012, p. 2).

A eletricidade surgiu com o propósito de ajudar na implantação de novas tecnologias, pois as máquinas, antes a vapor, foram substituídas pelas elétricas, mais produtivas do que as anteriores, com isso o trabalho ficou melhor especializado. Apesar da Revolução Industrial propiciar a inserção de máquinas que auxiliam o trabalho, as condições deste eram ainda muito precárias.

O que pode-se concluir no que diz respeito a construção da jornada de trabalho, é que a ideia de o trabalho enaltecer ou dignificar o homem surgiu nessa mesma época, pois o indivíduo acreditava ter valor maior pelo fato de trabalhar e por servir o capital e o capitalista. Por outro lado Rosso (1996), destaca em seus escritos que é por meio do trabalho que as sociedades são formadas e organizam-se, “o trabalho não só promove o sustento individual e a acumulação de bens e riquezas, como fornece um fator de estruturação para vida coletiva, as instituições, as relações sociais e as ideologias.” (DAL ROSSO, 1996, p. 60).

Na língua portuguesa, o termo jornada de trabalho ainda pode ser associado ao tempo de trabalho diário, mesmo que aceite-se termos associados aos tempos semanal, mensal e anual. Nos demais idiomas, a palavra jornada deixou de ser associada ao trabalho, tendo em seu lugar as expressões como horário de trabalho e tempo de trabalho. (DAL ROSSO, 1996 apud CALVETE, 2006)

---

<sup>5</sup> JORNADA DE TRABALHO EM PAÍSES SELECIONADOS -Convênio SE/MTE N°. 04/2003-DIEESE

Para Marx (2014), a jornada de trabalho é o tempo que o indivíduo dispõe de sua força de trabalho para o capitalista, recebendo um salário para isso e isso é classificado como uma grandeza variável, não constante:

Uma de suas partes é, de fato, determinada pelo tempo de trabalho requerido para a reprodução contínua do próprio trabalhador, mas sua grandeza total varia com a extensão ou duração do mais-trabalho. A jornada de trabalho é, pois, determinável, mas é, em verdade, indeterminada. (MARX, 2014, p. 221)

Portanto também entende-se que a jornada de trabalho é variável pelo fato de que, por exemplo, as horas extras trabalhadas não estão inseridas na jornada regular mas sim pelo fato do indivíduo estar trabalhando, isso faz parte de sua jornada de trabalho, mesmo que não diariamente. Essa extensão deve ter um limite máximo, que de acordo com Marx, esse limite é dado pelas condições físicas, morais e sociais do trabalhador. Para o capitalista, a exploração do trabalhador é algo que lhe traz lucro, visto que terá o empregado na empresa por um maior período e conseqüentemente produzindo mais. Marx (2014), divide a jornada em trabalho necessário e trabalho excedente. O trabalho necessário é a produção do valor da força de trabalho, que ele chama de reprodução sendo essa necessária para a subsistência; já o excedente é aquele no qual o trabalhador gera o mais-valor, este sendo vantajoso ao capitalista. (CALVETE, 2006).

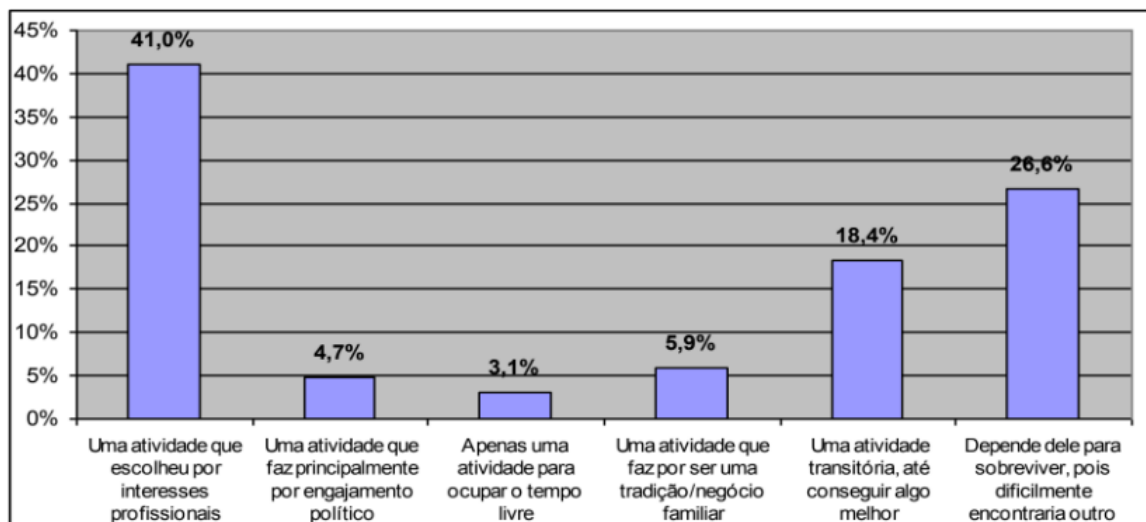
Com a Revolução Industrial, a implantação das máquinas nas indústrias fez com que a exploração dos trabalhadores fosse ainda maior, uma vez que a produção aumenta por causa do auxílio das maquinarias, sendo assim o ritmo de trabalho mais intenso para que consiga-se acompanhar a produção das máquinas. Àqueles que não conseguem atualizar-se e acostumar-se com o progresso técnico, nas palavras de Marx, não têm mais valor de mercado, sendo um dos fatores do desemprego. (MARX, 2014).

Na sociedade em que existe uma autovalorização do valor e que o consumo é um meio para essa valorização, os indivíduos, na maioria das vezes, estão infelizes em seus trabalhos, visto que obrigam-se a trabalhar para conseguir sobreviver e acompanhar a sociedade que estimula o consumo. Caso o trabalhador não consiga



ter dinheiro para consumir em seu tempo livre, ele é excluído da sociedade no que diz respeito a acompanhar o ritmo acelerado do consumismo que apresenta-se em escala mundial. (ALMEIDA, 2016). Posto isso, no relatório do IPEA intitulado “Percepção dos trabalhadores sobre intensidade e exigências no ambiente de trabalho” do ano de 2012, foi realizada uma pesquisa com 3.709 pessoas, destes 52,4% foram homens e 47,6% foram mulheres, todas os entrevistados ocupados ou afastados temporariamente do trabalho. Uma das perguntas tinha o objetivo de saber qual a percepção do trabalhador em relação ao seu trabalho atual.

**Figura 7 - Percepção dos trabalhadores quanto ao seu trabalho atual**

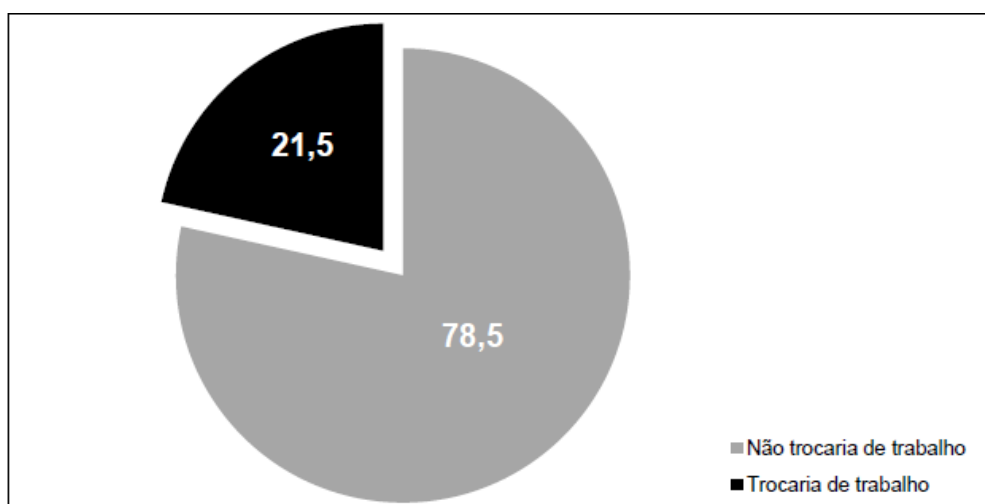


Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

A maioria dos entrevistados, 41%, disse que exerciam as atividades no trabalho por interesses profissionais e 26,6% responderam que dependem do trabalho para sobreviver e que a dificuldade para encontrar outro emprego será eminente caso fiquem desempregados. De acordo com o Ipea (2012), os trabalhadores do primeiro grupo (cujo responderam escolher as atividades por interesse profissional), são trabalhadores da administração pública e da indústria. Já aqueles que responderam que o trabalho é uma atividade transitória até conseguir algo melhor, que somam 18,4%, e os que estão no trabalho atual porque dependem disso para sobreviver fazem parte do grupo dos subordinados informais e autônomos que encontram-se em maior proporção. Portanto, 45% que é resultante da soma dos 18,4% e dos 26,6%,

exercem atividades laborais que não trazem satisfação no seu exercício. Apesar da insatisfação no trabalho, 78,5% dos entrevistados no relatório do Ipea sobre o tempo livre, não trocariam de trabalho por causa do tempo gasto com ele:

**Figura 8 - Você considera trocar de trabalho por causa do tempo que você gasta com ele?**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

### 3.2 A REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E SEUS EFEITOS NA ECONOMIA

As lutas pela jornada normal de trabalho e pela redução da jornada de trabalho são antigas, tem uma longa história, e, por muitas vezes, conflitos violentos e longos. No período da Revolução Industrial, a jornada de trabalho aumentou, chegando na capacidade máxima do trabalhador, este começou a lutar por suas reivindicações que diziam respeito às condições normais no ambiente de trabalho, redução da jornada de trabalho e por um maior tempo livre.

A primeira manifestação pela redução da jornada de trabalho que foi conhecida ocorreu no ano de 1866 em um Conselho Internacional dos Trabalhadores em Genebra. (FERREIRA, C.)

Marx (2014), é um defensor da redução da jornada de trabalho:

[...] “Que é uma jornada de trabalho?” Quão longo é o tempo durante o qual o capital pode consumir a força de trabalho cujo valor diário ele paga? Por quanto tempo a jornada de trabalho pode ser prolongada além do tempo de trabalho necessário à reprodução da própria força de trabalho? A essas questões, como vimos, o capital responde: a jornada de trabalho contém 24 horas inteiras, deduzidas as poucas horas de repouso sem as quais a força de trabalho ficaria absolutamente incapacitada de realizar novamente seu serviço. Desde já, é evidente que o trabalhador, durante toda sua vida, não é senão força de trabalho, razão pela qual todo o seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho, que pertence, portanto, à autovalorização do capital. Tempo para a formação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o cumprimento de funções sociais, para relações sociais, para o livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais, mesmo o tempo livre do domingo – e até mesmo no país do sabatismo – é pura futilidade! (MARX, 2014, p. 238)

Com a jornada excessiva que os trabalhadores tinham, eles nem conseguiam descansar apropriadamente para conseguirem trabalhar na próxima jornada, o capitalista não leva em consideração as condições físicas, psicológicas e sociais do trabalhador, trata como um objeto de trabalho, na qual o mesmo apropria-se de sua força de trabalho e considera o trabalhador uma “peça” facilmente substituível. Por essa razão é que muitas vezes o trabalhador acabava por submeter-se a péssimas condições de trabalho, pois precisava do seu mísero salário para sustentar a sua subsistência e família. Por essa razão Marx (2014), ironiza dizendo que as reivindicações das quais os trabalhadores lutavam eram tidas pelos empregadores como “pura futilidade”, estas reivindicações dizem respeito ao bem-estar do indivíduo, sendo elas o respeito a cuidados com a saúde, a alimentação, o descanso e uma jornada justa e normal.

Quando iniciou-se o período capitalista não existia legislação trabalhista e a exploração acontecia por meio de jornada excessivas e salários baixos, as crianças e mulheres também trabalhavam em condições precárias, todos esses fatores desencadearam as lutas sindicais para que os empregados tivessem uma jornada um pouco mais digna.

Em 2010, o DIEESE fez um relatório intitulado “Redução da Jornada de Trabalho: Uma luta do passado, presente e futuro”, onde destaca duas datas importantes que foram resultantes das lutas dos trabalhadores: “1º de maio (comemorado a partir da greve dos trabalhadores de Chicago, em 1886) e o 8 de março (dia internacional da mulher).” Os empregadores resistem às mudanças

exigidas pelos trabalhadores, tanto pela redução da jornada, quanto para o aumento do salário, temem perder o lucro. Não só pela redução da jornada e pelo aumento do salário, mas os trabalhadores também conseguiram benefícios como férias, descanso semanal remunerado, licenças maternidade, paternidade através de lutas:

[...] os empregadores, além de resistirem a essas mudanças, procuraram formas alternativas para se contrapor a elas. Por exemplo, I) apropriando-se do tempo livre conquistado por meio da utilização de horas extras; II) intensificando o tempo de trabalho por meio de inovações tecnológicas e organizacionais, que têm como um dos objetivos aumentar o ritmo de trabalho; III) flexibilizando o tempo de trabalho, que tem como resultado o aumento da extensão e da intensidade do trabalho. (DIEESE, 2010, p. 3)

O primeiro de maio foi um marco importante para a sociedade atual, pois em 1884 foi celebrado em Chicago o IV Congresso da Federação Americana do Trabalho que teve como proposta a obrigatoriedade da redução da jornada de trabalho de 16 para 8 horas diárias a partir do dia 1º de maio, caso não fosse acordado o proposto, do contrário os trabalhadores fariam greve. (FURLAN JUNIOR, 2012).

Essa jornada excessiva é prejudicial à saúde, à vida pessoal e familiar dos trabalhadores, pois compromete sua integridade física, devido à sobrecarga física e mental, impossibilitando a manutenção do convívio familiar e social. No caso das trabalhadoras, esse problema acentua-se, haja vista uma responsabilidade maior em relação aos filhos, que possuem necessidades até determinada idade. (FURLAN JUNIOR, 2012, p. 19)

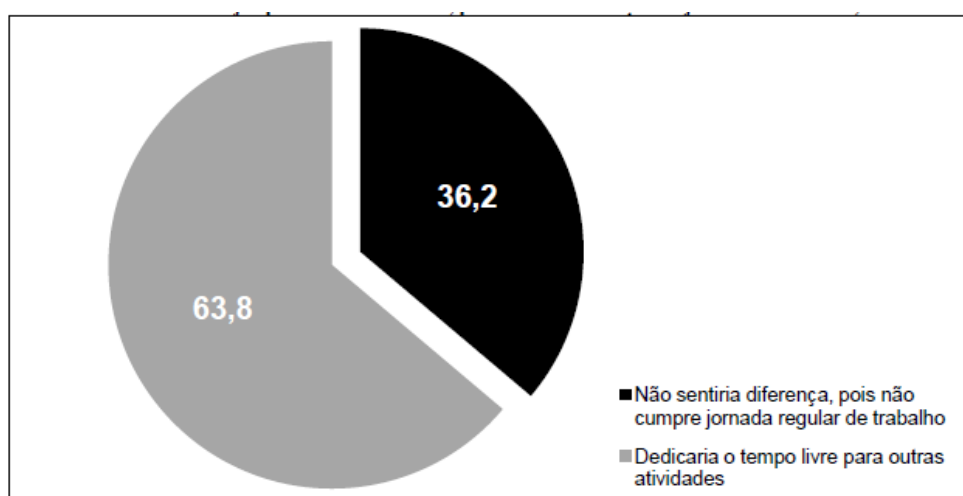
Furlan (2012), ainda discorre sobre a jornada de trabalho em excesso:

Assim, a jornada em excesso é ainda mais prejudicial, pois a ausência materna desestrutura substancialmente o convívio familiar, deixando a desejar a manutenção do lar, a educação dos filhos e a própria vida pessoal das mulheres. (FURLAN JUNIOR, 2012, p. 19)

Desta forma, a redução da jornada de trabalho é mais que uma simples redução do tempo de trabalho, é o aumento do convívio familiar e a participação na criação dos filhos, é a presença de alguém da família no dia a dia das crianças, não só dos professores, pedagogos e amigos, mas também do responsável familiar. Como pode-

se observar nos dados da pesquisa do Ipea, onde, dos 63,8% dos entrevistados optaram pela resposta de dedicar o tempo livre para outras atividades caso seja aprovada uma nova lei prevendo a diminuição da jornada de trabalho, a maioria afirma, com essa resposta, que dedicaria o tempo para cuidar da casa e da família.

**Figura 9 - Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, você:**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

**Tabela 6 - Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho você:**

|   | %            |
|---|--------------|
| Não sentiria diferença, pois não cumpre jornada regular de trabalho       | <b>36,2%</b> |
| Dedicaria o tempo livre para cuidar da casa e da família                  | <b>24,9%</b> |
| Dedicaria o tempo livre para estudar                                      | <b>12,3%</b> |
| Dedicaria o tempo livre apenas para descansar                             | <b>12,3%</b> |
| Dedicaria o tempo livre para praticar esportes ou outro tipo de recreação | <b>5,7%</b>  |
| Dedicaria o tempo livre para buscar outro trabalho remunerado             | <b>4,0%</b>  |
| Dedicaria o tempo livre para realizar outra atividade regular             | <b>2,6%</b>  |
| Dedicaria o tempo livre para fazer hora extra no trabalho atual           | <b>2,0%</b>  |
| <b>Total</b>  | <b>100%</b>  |

Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

As centrais sindicais brasileiras promoveram uma campanha Nacional pela Redução da Jornada, iniciada em 2003, e que visava à redução do limite máximo da jornada de 44 para 40 horas semanais, sem a alteração na remuneração. De acordo com relatório, também é necessário ter a preocupação com as três dimensões do tempo de trabalho: a extensão, a distribuição e a intensidade, pois ao mudar uma, as outras também são alteradas. (DIEESE, 2010).

Tendo conhecido o conceito de jornada de trabalho, a luta pela redução da jornada seria a luta pela redução das horas de trabalho, por essa razão usa-se “redução da jornada de trabalho” quando refere-se à redução do tempo de trabalho diário, semanal ou mensal. Mocelin (2011), destaca o que pode ser objeto de dúvida e confusão, a luta pela redução da jornada de trabalho não significa que o trabalhador queira trabalhar menos, visto que as pessoas podem trabalhar mais em atividades de sua escolha sem que a remuneração seja afetada pela racionalidade econômica.

No Brasil, a última alteração na Jornada de trabalho aconteceu com a Constituição de 1988, nela a jornada de trabalho foi reduzida de 48 horas para 44 horas semanais, as mobilizações, depois disso, não influenciaram na diminuição da jornada de trabalho, ocorreram somente mudanças nas negociações coletivas de trabalho como o pagamento de horas extras, por exemplo. (DIEESE, 2010).

As mudanças na jornada de trabalho dependem também da legislação (que é uma das reivindicações dos sindicatos). Uma vez que essa alteração afeta a sociedade, é necessário que a mesma esteja na lei, ela é classificada como mudança macro regulação, mas tem outras classificações como micro regulação, hora extra, distribuição (flexibilidade) e intensidade, por exemplo. (DIEESE, 2010)

Para Machado e Machado (2010), o percentual de pessoas que almejam trabalhar mais horas está correlacionado com o tempo efetivo que elas trabalham, são aquelas que têm sua jornada média mensal inferior em relação às outras, por essa razão gostariam de ter uma jornada maior.

### 3.3 REFLEXOS SOCIAIS DA REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO

A Jornada de trabalho relaciona-se diretamente com a qualidade de vida e com o emprego, pois existem pessoas desempregadas, em busca de emprego, enquanto outras estão com jornadas excessivas em seus trabalhos, com horas extras quase todos os dias, uma vez que não existe uma legislação no Brasil que delimite o quanto o empregado pode fazer de hora extra, portanto, o empregador não é multado caso o empregado decida fazer o máximo de hora extra que conseguir, o que para o empregador torna-se algo bom. Essa também é uma mudança em pauta das centrais sindicais pois com o trabalho excessivo, problemas de saúde física e mental podem ser causados ao indivíduo e o convívio com a família fica mais curto, visto que a maior parte do dia encontra-se trabalhando.

A questão da redução da jornada de trabalho já é estudada em vários países, com o intuito de melhorar a qualidade dos empregos, a qualidade de vida do trabalhador, diminuir o desemprego e aumentar a produtividade, além disso, essa redução, gera novos empregos.

Um estudo realizado pela Expert Market<sup>6</sup> analisou 36 países buscando comparar a produtividade e as horas trabalhadas, sete países que estão entre os que têm as maiores economias do mundo também estão no ranking dos dez países que tem a menor jornada de trabalho, dentre eles: Luxemburgo, Noruega, Suíça, Holanda, Alemanha, Dinamarca e Suécia. Ou seja, reduzir a jornada, aumenta a produtividade: (TRABALHAR..., 2016).

**Tabela 7 - Países mais produtivos e a jornada anual de trabalho**

|          | <b>País</b> | <b>Horas/ano trabalhadas</b> | <b>Produtividade por hora (em libras)</b> |
|----------|-------------|------------------------------|---|
| <b>1</b> | Luxemburgo  | 1.643                        | 47,71                                     |
| <b>2</b> | Noruega     | 1.427                        | 36,36                                     |
| <b>3</b> | Austrália   | 1.664,2                      | 29,81                                     |

<sup>6</sup> Empresa de consultoria inglesa.

|    |                  |          |       |
|----|------------------|----------|-------|
| 4  | Suíça            | 1.568,2  | 28,35 |
| 5  | Holanda          | 1.425    | 28,35 |
| 6  | Alemanha         | 1.371    | 25,95 |
| 7  | Dinamarca        | 1.436    | 24,14 |
| 8  | EUA              | 1.789    | 23,66 |
| 9  | Irlanda          | 1.821,26 | 23,12 |
| 10 | Suécia           | 1.609    | 22,58 |
| 11 | Áustria          | 1.628,7  | 22,03 |
| 12 | França           | 1.473,45 | 21,21 |
| 13 | Canadá           | 1.704    | 20,30 |
| 14 | Finlândia        | 1.645    | 18,95 |
| 15 | Islândia         | 1.864    | 18,76 |
| 16 | Reino Unido      | 1.677    | 18,64 |
| 17 | Japão            | 1.729    | 16,72 |
| 18 | Espanha          | 1.688,8  | 15,63 |
| 19 | Itália           | 1.733,9  | 15,62 |
| 20 | Nova Zelândia    | 1.762    | 15,58 |
| 21 | Eslovênia        | 1.561    | 15,06 |
| 22 | Israel           | 1.853    | 13,80 |
| 23 | Coreia do Sul    | 1.789    | 23,66 |
| 24 | República Tcheca | 1.776    | 13,80 |
| 25 | Eslováquia       | 1.763    | 23,66 |
| 26 | Lituânia         | 1.834    | 11,75 |
| 27 | Estônia          | 1.859    | 11,67 |
| 28 | Portugal         | 1.857    | 11,36 |
| 29 | Hungria          | 1.857,9  | 10,70 |
| 30 | Polônia          | 1.923    | 10,45 |
| 31 | Grécia           | 2.042    | 9,81  |
| 32 | Rússia           | 1.985    | 9,71  |
| 33 | Letônia          | 1.989,8  | 8,96  |
| 34 | Chile            | 1.989,8  | 8,96  |



|           |            |       |      |
|-----------|------------|-------|------|
| <b>35</b> | México     | 2.228 | 5.96 |
| <b>36</b> | Costa Rica | 2.216 | 5.31 |

Fonte: UOL. Elaboração: própria

A Alemanha é o país que tem a menor jornada de trabalho e ficou em 6º lugar no ranking de produtividade, dados como esses só reforçam os estudos vistos anteriormente do DIEESE, intensificando e solidificando ainda mais a luta pela mudança na legislação para reduzir a jornada de trabalho, visto que o Brasil pode espelhar-se nos países estudados pela consultoria para fortalecer os movimentos sindicais. O ranking acima também reforça a ideia de que os países que têm a jornada de trabalho maior, também são os que estão por último na produtividade. Essa questão justifica-se pelo fato de que os trabalhadores ficam cansados com uma jornada muito extensa e, conseqüentemente, não produzem como produziriam se fosse com uma jornada menor, com uma jornada melhor a disposição do trabalhador também melhora, fazendo com que cumpram-se os deveres no trabalho. (TRABALHAR..., 2016). Calvete (2006, p. 161), faz uma observação a respeito da redução da jornada de trabalho e a produtividade:

[...] quando os efeitos atingiriam os trabalhadores com registro em carteira em empresas com 10 ou mais trabalhadores e não interfeririam nas decisões de investimento dos capitalistas, como supõe Kalecki. Porém, já nessa etapa, são considerados os efeitos compensatórios do aumento da produtividade do trabalho, a contratação de novas horas extras e a substituição de trabalho por capital. Husson (2004), com argumentos distintos de Kalecki, também refuta a assertiva de que o aumento salarial provocaria diminuição do investimento, afirmando que a renda não é dividida apenas em duas partes, salários e lucros, que se transformam em investimentos, mas que, efetivamente, a renda se divide em três partes: salários, lucros destinados ao investimento e lucros destinados ao sistema financeiro. O autor afirma que a França observou justamente um crescimento econômico em função do aumento da demanda agregada originada da transferência dos lucros financeiros para os salários. (CALVETE, p. 161)

Algumas empresas de conteúdo digital como a Arizona de São Paulo, acreditam que o bem-estar do trabalhador relaciona-se diretamente com o cumprimento de suas atividades de forma espontânea e com disposição. Pensando nisso, empresas do ramo implementam sistemas de ginástica laboral, jogos para os

homens e um momento de fazer as unhas para as mulheres (uma vez por semana) no decorrer do expediente, mas nada exagerado. Isso faz com que o empregado sintasse descansado, tenha energia, vontade de trabalhar e disposição para realizar as tarefas que são solicitadas. (FERREIRA, A., 2014).

Quando o trabalhador está muito insatisfeito com o trabalho ou quando o ambiente de trabalho o prejudica física, psíquica ou mentalmente por causa do excesso de cobrança ou por a jornada ser muito extensa, ele fica menos produtivo, pois encontra-se cansado e desmotivado. Com relação a isso, existe uma síndrome chamada de “Síndrome de Burnout”, essa síndrome é causada nos indivíduos por causa do esgotamento no trabalho, por uma exaustão emocional. Ela ficou mais conhecida nos anos 70, quando trabalhadores americanos começaram a busca por trabalhos que seriam mais promissores, longe de suas moradias, queriam obter uma maior satisfação e gratificação em seus empregos. No entanto, como os indivíduos encontravam-se demasiadamente ansiosos com os acontecimentos relativos ao assunto, as chances de frustrações e esgotamentos eram maiores, daí o alto índice do desenvolvimento de Burnout:

Em 1974 o termo Burnout foi retomado por Herbert Freudenberger, médico psicanalista, que descreveu o fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão causado por um excessivo desgaste de energia e recursos. Complementou seus estudos entre 1975 e 1977, incluindo em sua definição comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, perda de motivação, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade[...] (CARLOTTO; CÂMARA, 2008, p.153)

Com base no que foi analisado, é uma síndrome que o trabalhador adquire por causa do trabalho em excesso, das cobranças, da jornada longa, das metas estipuladas por seus empregadores e, por esse motivo, existem as lutas pela redução da jornada de trabalho, que devem receber atenção uma vez que a saúde individual está sendo abalada. Outra doença causada pelo excesso de trabalho é o Karoshi, no Japão:

O precariado, nesta direção, não se encontraria no mesmo status dos proletários clássicos e muito menos em relação aos assalariados da classe

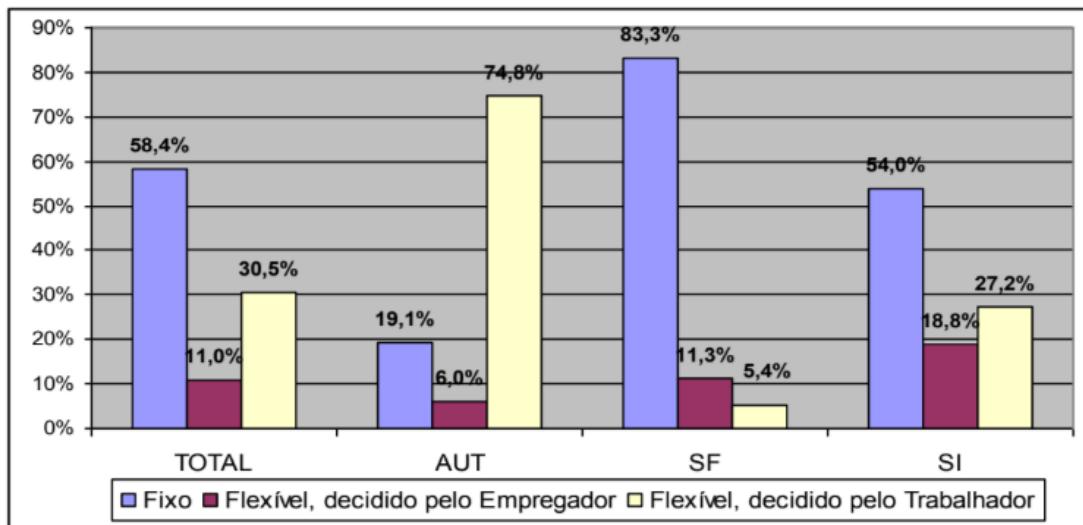
média. O precariado está inserido em ofícios degradantes, como são os casos dos call centers e estágios mal remunerados em médias e grandes empresas, definidos pelo 'curto prazo', sem qualquer chance de construção de uma carreira profissional. Tais situações humilhantes e mortificadoras de subempregabilidade têm levado ao aumento alarmante de suicídios e doenças psicossociais em diversas partes do mundo. No Japão, por exemplo, a expressão karoshi representa bem esta condição, compreendida como morte por excesso de trabalho. (DANTAS, 2015).

Foi por esse motivo que algumas empresas tomam como alternativa deixar o trabalhador fazer uma pausa para atividades que não são da rotina do trabalho, deixando-o mais contente e animado, e logo, mais produtivo, tem-se como exemplo a Google, de acordo com a revista Fortune, ela ficou em primeiro lugar no ranking de melhores empresas para trabalhar-se, pois ela investe no um ambiente de trabalho mais descontraído e, por isso, os funcionários sentem-se mais à vontade para trabalhar. (THE..., 2017)

Os avanços tecnológicos influenciam também na redução da jornada de trabalho, sendo assim a produtividade aumenta, não sendo necessário uma jornada extensa, visto que as máquinas podem produzir em grande escala, sendo necessário o empregado apenas para controlá-la.

De acordo com o relatório do Ipea (2012), foram classificados os tipos de trabalho, como 34,11% dos trabalhadores são autônomos (AUT), os mesmos trabalham por conta própria, já 45,97% são subordinados formais (SF), aqueles trabalhadores com carteira assinada ou servidores públicos, já aqueles indivíduos que trabalham sem carteira assinada são chamados de subordinados informais (SI) e compõem 19,92% que são organizados da seguinte forma:

**Figura 10 - Forma de organização do horário de trabalho**



Fonte e Elaboração: Ipea/Sips (2012).

No geral, 58,4% da jornada de trabalho é destinada ao horário fixo, e 41,5 % ao horário flexível (30,5% flexível decidido pelo trabalhador e 11% flexível decidido pelo empregador), percebe-se que quando trabalha-se no próprio negócio é mais fácil de decidir a jornada, por conta da facilidade e na decisão de seus horários, 74,8% dos trabalhadores autônomos têm horário flexível decidido pelo trabalhador, já para quem é subordinado formal, 83,3% têm horário fixo e apenas 5,4% podem ter horário flexível decidido pelo trabalhador. Logo, quem é trabalhador formal tem mais rigidez quanto ao tempo de trabalho e tempo de não trabalho em termos de jornada de trabalho.

No âmbito social, a redução da jornada de trabalho faz com que o indivíduo consiga ficar mais tempo com sua família, podendo melhorar as relações familiares e a criação dos filhos, com um acompanhamento mais presente, principalmente no período escolar, isso refletirá em um bem-estar social. (JUNIOR, 2012).

#### **4 O CAPITALISMO**

Com a introdução das máquinas, o processo de trabalho fica cada vez mais eficiente, economizando tempo na produção visto que para a mesma quantidade

produzida anteriormente fica até quatro vezes maior. Porém, como consequência dessa alta na produtividade, a exploração da força de trabalho também aumentou, uma vez que os trabalhadores deveriam acompanhar o ritmo da máquina - mais rápido que o ritmo humano - aumentando o desemprego pelo fato de que as máquinas substituíram as pessoas e produziam até quatro vezes mais, não sendo necessária (do ponto de vista dos empregadores), a manutenção de muitos empregados e/ou a contratação de novos. (MARX, 2014).

Marx, apesar de ser bastante estudado no âmbito da sociologia, e ser considerado o “pai do socialismo”, sua obra mais conhecida é chamada de “O Capital”, com sua primeira parte escrita em 1867 onde o autor utiliza do método dialético, sob o aspecto de questões econômicas, para conceituar elementos importantes para o entendimento do capitalismo, é uma obra de economia política. A partir de 1844, o autor focou seus estudos na Economia. (MARX, 2014)

Para entender o capitalismo, parte-se primeiramente da conceituação, estudada por Marx, a de modo de produção, sendo essa uma forma de organização das pessoas na sociedade quando trata-se de produção de bens de consumo para a subsistência. É preciso saber-se brevemente a diferença entre modo de produção capitalista e os modos de produção anteriores, onde a produção era organizada de forma  $M - D - M$ , isso significando que a mercadoria produzida é trocada por dinheiro e que, por sua vez, é trocado pela mercadoria; já no modo de produção capitalista a forma muda para  $D - M - D'$ , onde o dinheiro é transformado em mercadoria, os donos desse  $D$  são pessoas que acumulavam dinheiro com o intuito de lucrar,  $D'$  é o  $D + \Delta D$ , logo, a quantidade inicial de dinheiro era menor do que a quantidade final, esse excedente sobre o valor inicial Marx chama de mais - valor e esse ciclo transforma o valor em capital. Nas palavras dele, a forma abreviada dessa circulação é  $D-D'$  na qual ele diz que o dinheiro é igual a mais dinheiro e o lucro se transforma na força motora do capitalista.

Estudando o conceito de capitalismo é preciso entender o significado não só de valor de uso, mas também de valor de troca. Assim sendo, pode-se dizer que o valor de uso é aquele no qual a utilidade de um bem é o mais importante, porém ele nunca será a finalidade imediata do capitalista:

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Mas essa utilidade não flutua no ar. Condicionada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem esse corpo. Por isso, o próprio corpo da mercadoria, como ferro, trigo, diamante etc., é um valor de uso ou um bem. Esse seu caráter não depende do fato de a apropriação de suas qualidades úteis custar muito ou pouco trabalho aos homens. Na consideração do valor de uso será sempre pressuposta sua determinidade quantitativa, como uma dúzia de relógios, 1 braça de linho, 1 tonelada de ferro etc. (...) O valor de uso se efetiva apenas no uso ou no consumo. Os valores de uso formam o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade que iremos analisar, eles constituem, ao mesmo tempo, os suportes materiais do valor de troca.” (MARX, 2014, p. 97)

Para o valor de troca, por outro lado não importa os bens materiais, não existe uma relação quantitativa, se um bem tem diferentes valores de uso, podem ter o mesmo valor de troca. Por exemplo, tem-se um par de sapatos que pode ser trocado por x de tecido, y de arroz ou z de ouro, as quantidades x, y e z podem variar e serem diferentes, assim sendo pode-se ter diferentes valores de uso, mas o valor para trocar é o mesmo, o valor de troca é medido pela quantidade de trabalho socialmente necessário, expresso em tempo. O valor de troca é uma manifestação do valor, que é oculta ao invés de revelar o valor, para Marx (2014):

O valor de troca aparece inicialmente como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo, uma relação que se altera constantemente no tempo e no espaço. Por isso, o valor de troca parece algo acidental e puramente relativo, um valor de troca intrínseco, imanente à mercadoria; portanto, uma contradição nos próprios termos [...] (MARX, 2014, p. 97)

Desta forma, Marx salienta que se pode dizer que no valor de uso, é uma troca na qual ambas as partes saem ganhando, mas o mesmo não ocorre com o valor de troca, onde Marx (2014):

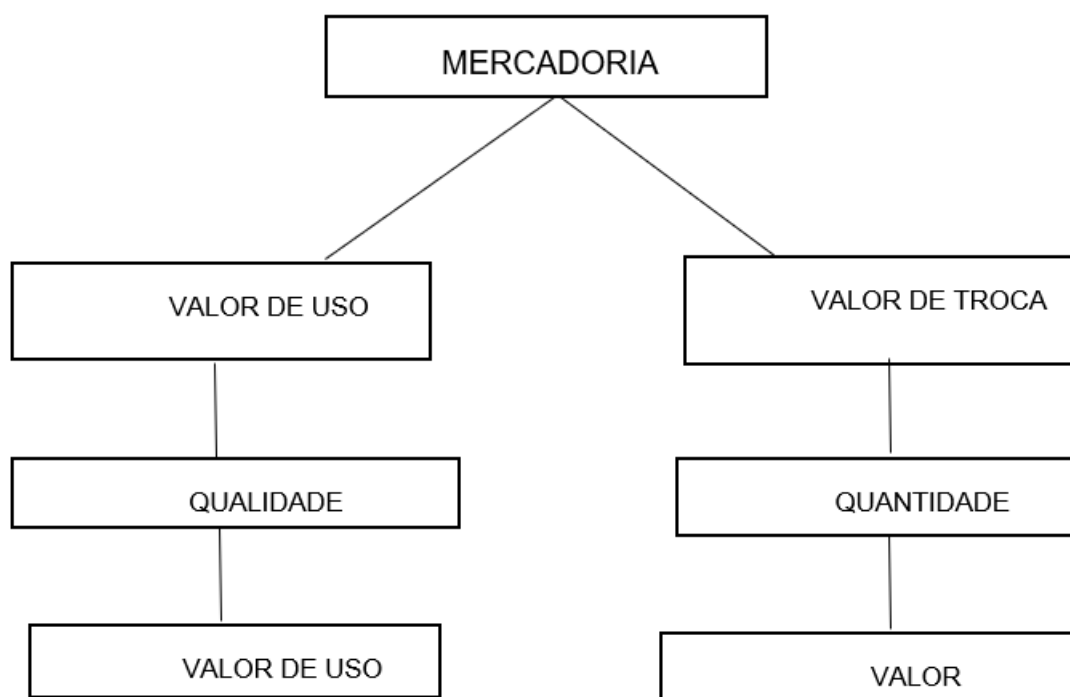
Um homem que possui muito vinho e nenhum cereal negocia com outro homem, que possui muito cereal e nenhum vinho, e entre eles é trocado trigo, no valor de 50, por vinho, no mesmo valor de 50. Tal troca não constitui um aumento do valor de troca para nenhuma das partes, pois, antes da troca cada um deles já possuía um valor igual àquele que foi criado por meio dessa operação. (MARX, 2014, p. 174)

Nesse trecho, Marx busca exemplificar o valor das mercadorias que a jornada de trabalho objetiva, não trata-se do valor que o trabalhador recebe por uma jornada de trabalho, visto que o “salário” ainda não existia nessa época. Com o avanço do modo de produção capitalista, as mercadorias passaram a ter um valor determinado, com um peso maior por consequência do seu valor de troca do que pelo valor de uso. A mercadoria é um objeto que serve para satisfazer as necessidades humanas, se essas necessidades são supérfluas ou não, isso não altera na essência da mercadoria.

No modo de produção capitalista, a obtenção da mais valia é o principal objetivo, “como valores de uso, as mercadorias são, antes de tudo, de diferente qualidade; como valores de troca, elas podem ser apenas de quantidade diferente, sem conter, portanto, nenhum átomo de valor de uso.” (MARX, 2014, p. 98).

No fluxograma a seguir, resume-se mercadoria na visão de Marx.

**Figura 11 - Fluxograma explicativo da mercadoria**



Marx ainda salienta que no valor de uso está aplicado o trabalho humano concreto, enquanto que no valor de troca está o trabalho humano abstrato socialmente necessário. O preço das mercadorias surge no momento em que o dinheiro aparece como forma de mediar a troca, isso resulta no fetichismo da mercadoria, assim definido por Marx. O portador da força de trabalho vende essa força para o capitalista, porém, o trabalhador é explorado ao ponto de levar 2 horas para confeccionar uma cadeira, o restante da jornada de trabalho serve para o lucro do empregador. Marx, (2014, p. 54) explica a forma e meios de troca da mercadoria,

Depois da quebra do comunismo primitivo, os sistemas produtivos se articularam em modos conforme se configurou a propriedade dos meios de produção. Somente no capitalismo todos os seus fatores assumem a forma de mercadoria, o que logo desafia o pensamento: como um sistema nessas condições, quando as partes são trocadas por seus valores, pode gerar um excedente econômico? A mercadoria não se confunde com um objeto de troca tribal, situação em que, por exemplo, um saco de alimentos não pode ser trocado por uma canoa, embora esta possa ser trocada por uma mulher. Nem se confunde com o escambo. Suas primeiras formas se encontram nas trocas regulares e por dinheiro entre comunidades separadas. Uma análise dos fenômenos econômicos deve capturar as diferentes formas dessas trocas de um ponto de vista histórico. (MARX, 2014, p. 54).

Por consequência do lucro que o capitalista visa, pela exploração do trabalhador e das situações que vivem nas fábricas é que se desencadearam as lutas dos trabalhadores para uma jornada normal de trabalho, assim como também para boas condições de trabalho.

#### 4.1 A REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E O CAPITALISMO

A Revolução Industrial é um fator muito importante quando fala-se em redução de jornada de trabalho e de capitalismo, visto que com a introdução das máquinas, muitos trabalhadores intensificaram a sua força de trabalho e por consequência disso, o lucro do capitalista aumenta, porém, esses fatores levaram às lutas pela redução da



jornada de trabalho, a partir do modo de produção capitalista que não existia só para reduzir, mas também para regulamentar essa jornada. Para Marx (2014), a introdução de novas tecnologias, como as máquinas que auxiliam na produção, por exemplo, serviram de motores para o capitalismo.

Com a extensão da jornada de trabalho, os capitalistas aumentaram o ritmo da produção, mesmo quando as circunstâncias e as comodidades das empresas não eram boas, visto que eles queriam que o trabalhador tivesse jornadas longas para conseguirem produzir o máximo de mercadorias, tudo em vantagem ao lucro do empregador, mesmo que as condições físicas e psicológicas do empregado estivessem esgotadas, o trabalhador por medo de perder o emprego, esforça-se ao máximo, porém não recebe nada além do que já recebia. Marx (2014), também discorre sobre a taxa de mais-valia, que é “a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista.” (MARX, 2014, p. 213)

Marx cita um dos trabalhadores, que é um representante da classe, que questiona as concepções de Nassau W. Senior (economista), na análise de Sênior, em uma jornada de 11,5 horas por dia, (sendo 12 horas nos cinco dias da semana e 9 horas no sábado), logo, em uma jornada de 12 horas:

- 10 horas para a reposição do capital
- 1 hora para o salário
- 1 hora para o lucro líquido

O que Senior quer mostrar na sua “análise” é que, caso a jornada de trabalho seja reduzida em 1 hora, o lucro líquido não existiria. Porém, o representante dos trabalhadores, chama a atenção de que conforme a “análise”, o salário é produzido pelo trabalhador apenas na penúltima e última hora da jornada, o mais-valor ou lucro líquido. O representante continua: “A perda dessa última hora nem vos custará o ‘lucro líquido’, nem roubará a ‘pureza da alma’ às crianças de ambos os sexos que explorais à exaustão.” (MARX, 2014, p. 219).

O capitalista consolida-se na lei de troca de mercadoria, assim como as pessoas que as compram, o capitalista visa o melhor proveito do valor de uso da sua mercadoria, de acordo com Marx (2014, p.222) “Mas eis que, de repente, ergue-se a

voz do trabalhador, que estava calada no frenesi do processo de produção”. Marx (2014), refere-se que o consumo do capitalista de sua própria mercadoria cria valor, esse valor é maior do que o que ela mesma custa, e que por esse motivo foi comprada pelo capitalista, por essa razão, o lado do trabalhador é dispêndio excedente de força de trabalho, já do lado do capitalista é a valorização do capital.

Com a extensão da jornada de trabalho, o capitalista paga o equivalente a um dia da força de trabalho, porém utiliza três, o que ocorre é que dessa forma, o trabalhador perde em substância de trabalho e o capitalista ganha em trabalho. Aí que surge a exigência por parte do trabalhador de uma jornada de trabalho com duração menor, a lei de troca da mercadoria não impede que a jornada seja limitada, logo, o capitalista prolonga ao máximo a jornada de trabalho, e, caso seja possível a duplica. O trabalhador pode estar no seu direito de vendedor visto que visa uma jornada de trabalho normal e determinada. Contudo, a lei está de ambos os lados e, quando isso ocorre, cabe a decisão tomada pela força. “E assim a regulamentação da jornada de trabalho se apresenta, na história da produção capitalista, como uma luta em torno dos limites da jornada de trabalho” (MARX, 2014, p.223).

#### 4.2 A RELAÇÃO ENTRE O CAPITALISMO E O TEMPO LIVRE

O desenvolvimento de novas tecnologias e da rapidez da informação é um dos aliados do imediatismo, as pessoas acreditam que precisam cada vez mais que a informação seja instantânea e coesa. Bessin (1999, apud CARDOSO, 2007), cita que há uma temporalidade “urgente” na qual todos são envolvidos, a impressão de que se é “prisioneiro do imediato”, tudo é para o “agora”.

O trabalho, para Marx (2014), serve para construir a organização da sociedade, às vezes pode haver uma interpretação errada de que o autor é contra o trabalho, porém diz respeito ao contrário, ele acredita que o trabalho é bom para que o indivíduo consiga o seu meio de subsistência, porém o que o autor critica é a exploração da força de trabalho por parte do capitalista.

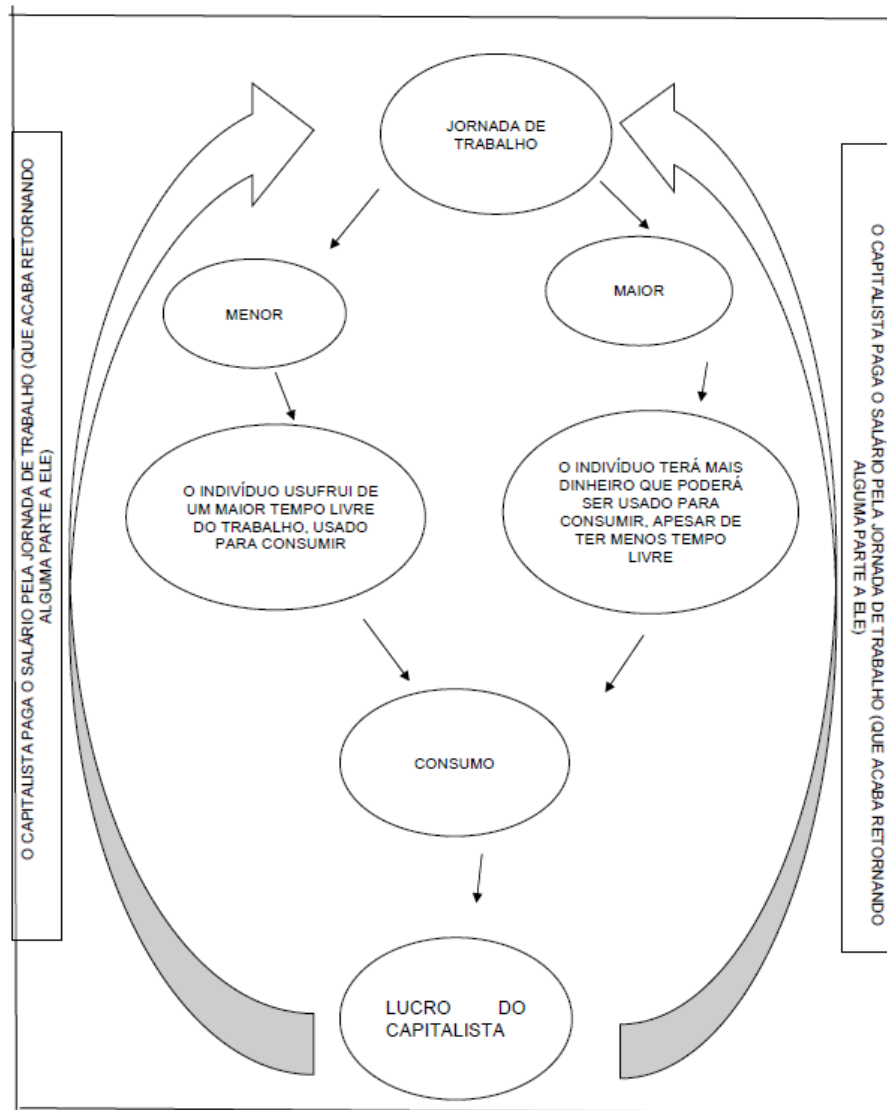
A sobrevivência, subsistência do indivíduo, aumento do capital e as organizações e relações sociais são advindas do trabalho. A forma como divide-se o tempo na sociedade capitalista faz com que o tempo de trabalho seja o mais longo do dia do trabalhador, logo o tempo livre é tido como secundário. (FERREIRA, C., 2010).

Quando o trabalho deixou de ser algo natural para garantir a subsistência e passou a ter jornadas de trabalho abusivas (capitalismo), a independência do trabalhador acabou, essa independência refere-se ao fato de que, no capitalismo precisa-se cumprir ordens dos donos das empresas e mostrar o máximo de produção para que não perca-se o emprego, Ferreira C. (2010, p. 14) diz que “Nessa concepção, percebe-se como é fundamental o trabalho na formação do tempo livre: o trabalho define o tempo na vida dos indivíduos, visto que trabalhar é viver.”

Lafargue (1999), é contra a superprodução e a exploração do trabalhador, o autor acredita que esses são fatores que afetam negativamente o trabalhador, é a favor da redução da jornada de trabalho, luta pelo direito à preguiça (título de sua obra). O tempo de trabalho é uma consequência da luta de classes, onde os trabalhadores eram obrigados a trabalhar mais para que os empregadores lucrassem, daí que vem o surgimento da ideia de que é necessário trabalhar para viver. (FERREIRA, C., 2010).

O capitalismo visa o lucro, e o consumo alimenta esse lucro. Quanto mais a sociedade consumir, mais o capitalista vai lucrar. Assim sendo, o tempo livre na sociedade capitalista, muitas vezes, serve para que o indivíduo tenha tempo para conseguir fazer compras ou consumir algum tipo de serviço, o que pode levar a conclusão que, neste caso, o tempo livre do trabalho não é o tempo livre do capital, pois o indivíduo estará “preso” a esse ciclo do consumo: (ABREU; ALMEIDA, 2016).

Figura 12 - Esquema explicativo do ciclo que gira em torno do consumo



Elaboração própria.

No esquema montado acima, pode-se perceber que, como Abreu; Almeida (2016) citaram em seu artigo, independentemente do indivíduo ter ou não tempo livre, ele estará envolvido nesse ciclo de consumo. Seguindo a lógica do referido ciclo, o indivíduo estará à disposição do capital mesmo no seu tempo livre. A mesma pessoa que produz a mercadoria, a compra, fazendo com que o salário (vindo de seu empregador) retorne a ele. Portanto, trabalhar mais, para consumir mais estará aumentando o lucro dos empresários e por outro lado, ao trabalhar-se menos, a sociedade capitalista influencia o consumo, sendo assim irá usufruir do seu salário consumindo.

A luta de classes teve reflexo no tempo de trabalho, o capitalista implementou uma ideia de que o trabalho é uma necessidade, visto que visa o acúmulo de capital e por isso influencia o trabalhador a trabalhar cada vez mais, ficando com menos tempo livre. Com as reivindicações dos trabalhadores, conseguiu-se reduzir a jornada e legalizá-la, porém, as lutas não acabaram, pois, a situação de trabalho no sistema capitalista continua sendo muito precária. (FERREIRA, C., 2010)

Algumas profissões prejudicam a saúde do trabalhador, além do desgaste físico do mesmo. Os profissionais que trabalham em call centers, por exemplo, ouvem muitos comentários negativos dos clientes e muitas vezes o nível de estresse fica muito elevado, outro exemplo que pode-se citar são os indivíduos que trabalham com aparelhos de raio x, estes devem ter uma jornada menor que as demais profissões da área da saúde, visto que a exposição aos raios são maléfica à saúde, contudo não há um controle para que esse empregado trabalhe apenas a jornada que lhe foi limitada, o que ocorre é que como a jornada é reduzida, ele busca um outro emprego para poder aumentar a sua renda e assim sentir-se incluído no sistema da sociedade de consumo, o capitalismo.

A área da saúde tem muitos exemplos de trabalhadores que têm mais de um emprego, cabe aqui uma reflexão a respeito do salário, pois como já foi visto no que diz respeito a produtividade do trabalhador, uma das possibilidades seria um aumento do salário para a jornada em um emprego, assim o empregado será mais produtivo, uma vez que não terá mais o segundo emprego a sua disposição será maior, e assim acabará ficando mais tempo com os familiares, não sendo então o cansaço, nestas circunstâncias, agravante da produtividade.

No comércio e nos bancos (mas não só especificamente nessas áreas), existe um sistema de metas, no qual o trabalhador tem determinadas metas por dia, mês ou semestre que deve cumprir. Se as metas forem atingidas, o trabalhador é gratificado com as chamadas comissões, esse é um sistema que favorece o empregador e faz com que o empregado trabalhe mais, para conseguir atingir os números estipulados pela empresa ou instituição, muitas vezes aumentando o nível de estresse do indivíduo.

Os trabalhadores que abrem mão do seu tempo livre, no qual poderiam ter um maior convívio familiar, educação dos filhos, melhor alimentação, mas ao invés disso

escolhem uma jornada maior (com horas extras) ou outro emprego, abrem mão também de uma melhor qualidade de vida.

Para Lafargue (1999), a sociedade capitalista é a responsável pela degeneração intelectual, segue ainda sobre a questão da falsa impressão que o proletariado tinha a respeito do trabalho:

[...] convencer o proletariado de que a palavra que lhe inocularam é perversa, que o trabalho desenfreado a que se dedica desde o início do século é o mais terrível flagelo que já alguma vez atacou a humanidade, que o trabalho só se tornará um condimento de prazer da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social, quando for prudente regulamentado e limitado a um máximo de três horas por dia, é uma tarefa árdua superior às minhas forças; só fisiologistas, higienistas, economistas comunistas poderão empreende-la. (...) atendendo aos meios de produção modernos e à sua potência reprodutiva ilimitada, tem de se dominar a paixão extravagante dos operários pelo trabalho e obriga-los a consumir as mercadorias que produzem. (LAFARGUE, 1999, p. 25-26)

O autor entende que não tem a força necessária para reduzir a jornada de trabalho para três horas, porém ele é defensor do direito à preguiça. Quando cita os fisiologistas entende-se e justifica-se a questão de que a jornada abusiva causa danos à saúde. (LAFARGUE, 1999).

Severiano; Estramiana (2012), trazem uma reflexão sobre o capitalismo flexível, onde (a partir da década de 80) o modo antigo de montagem foi substituído pela toyotização, onde é usada uma tecnologia de informática, robótica e microeletrônica. Com isso ocorreu uma adaptação na divisão do trabalho e a produção passa a ter um público alvo que deseja atingir:

Esta adaptação muito rápida no atendimento das variações da demanda da clientela tornou o consumo uma força ainda mais imperiosa na cadeia de produção, inaugurado uma “nova ética” do trabalho: não mais aquela fundada na ética puritana: racional, prudente e asséptica do capitalismo industrial, mas uma outra, hedonista e hierárquica, voltada para o dito consumo individualizado, diferenciado e segmentado, em que o prazer de consumir passou a constituir-se em um fim em si mesmo, tornando-se uma prática imperativa do tempo do lazer. (SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2012, p.71)

Desta maneira, os autores citados reforçam a ideia do ciclo do consumo e do tempo livre destinado para consumir, destacam ainda que a publicidade é uma aliada muito forte do consumo, pois é através dela que a população fica a par das novas marcas, tecnologias nos produtos, preços e facilidade de acesso em larga escala. A ideia na sociedade capitalista muitas vezes é implantar que o consumo de determinado produto é essencial para manter as relações sociais, a questão de ter um status ou uma boa colocação frente aos demais.

O capitalismo flexível mascara o lazer, visto que faz o indivíduo acreditar que o lazer serve para o consumo, porque fazendo isso, o capitalista só tem a lucrar. O indivíduo que participa da produção, é o mesmo que participa do consumo (que é o objetivo do capitalista).

O flexitempo (conceito trazido por Richard Sennet, 2010), introduz a ideia de flexibilização do tempo de trabalho, uma organização do capitalismo flexível, onde o trabalhador escolhe os horários para trabalhar, podendo até trabalhar em casa, porém essa forma de tempo é uma espécie de engano ao trabalhador, porque ele pode acabar trabalhando mais do que se tivesse uma jornada regular, levando trabalho para a sua residência também, acabando por não conseguir controlar o que já produziu e o que ainda tem para produzir, Sennet é contra o flexitempo. (SENNET, 2010 apud SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2012).

A flexibilização libertou os controles da medição do tempo de trabalho, produzindo tanto um incremento do consumo no lazer, quanto a elevação do consumo do lazer, transformando toda a esfera do chamado tempo livre em força produtiva e desejo por posses. (SEVERIANO; ESTRAMIANA, 2010, p.72)

A flexibilidade trouxe o tempo livre para que o indivíduo possa consumir, porém depois de usufruir desse tempo de consumo, voltará ao trabalho ou para casa e continuará fazendo seu trabalho, cumprindo metas e servindo ao empregador.

#### 4.3 LAZER, TEMPO LIVRE E CAPITALISMO

Para Almeida (2016), não existe tempo livre na sociedade capitalista, visto que o consumo é uma atividade para servir os interesses do capitalismo, e qu portanto o tempo - que seria livre - passa a ser controlado pelo capitalismo e pelas práticas de consumo e lazer programado na qual o trabalhador empobrece e os detentores dos meios de produção enriquecem.

Evidentemente que o ser humano precisa consumir para continuar sobrevivendo, pois o consumo é uma relação social concreta e faz parte do processo de produção. (...) em uma sociedade permeada pela lógica das mercadorias, o consumo – assim como o trabalho – torna-se alienado, pois perde a sua essência de meio de subsistência e satisfação das necessidades básicas, passando a se tornar uma atividade que gera competição e desenvolve o individualismo. (ALMEIDA, 2016, p. 106).

Padilha (2003), faz uma associação do Shopping Center com o lazer programado e o consumo, ela classifica os Shoppings como templos das mercadorias onde os trabalhadores usufruem seu tempo de lazer e tempo livre, influenciados pelo consumo. A autora, assim como Abreu; Almeida (2016), também expõe a publicidade e o marketing como sendo um aliado do consumo, essas duas ferramentas passam a ideia de que o indivíduo necessita de determinado produto, que muitas vezes é supérfluo. Na ideia de que, no capitalismo não existe tempo livre, Ferreira, C., (2010), faz essa análise, utilizando dos escritos de Thompson e Lenk para solidificar seus estudos.

O capitalismo conseguiu transformar o conceito de tempo, fazendo com que esse passasse a ser controlado pelo relógio (THOMPSON, 1991). O tempo passou a ter uma conotação dualista: o tempo para produzir e o tempo para recuperar as forças para retornar à produção, deixando de lado o tempo livre e o lazer. Numa leitura marxista frankfurtiana, o tempo tornou-se meramente compensatório (LENK, 1972).

Almeida (2016) e Padilha (2003), classificam o trabalho e o consumo como relações sociais alienadas que seguem a lógica consumista, onde quem tem mais, consome mais e dente-se superior do que os outros, por isso o desenvolvimento do individualismo, abordado por Almeida (2016).



O fator psicológico também influencia nas decisões de consumir ou não, Padilha (2003, p. 178), utiliza o termo “psicologia do desejo e do movimento interno da auto-expressão, na medida em que a necessidade - seja ela natural ou artificial – aliada ao desejo formam a base do consumo.” Fato este visto anteriormente, onde muitas vezes o impulso faz com que as pessoas passem a consumir mais do que realmente necessitam, isso pode levar também ao endividamento do indivíduo, quando gasta mais do que pode pagar. A exclusão social é uma situação na qual a “cultura dos shopping centers” e do consumismo são sérios agravantes, pois quem é de uma classe social mais baixa não tem condições de fazer compras de mercadorias das quais somente desejam e não necessitam.

Além disso, Ferreira (2010), faz uma associação entre tempo livre, lazer e tempo de trabalho que são elementos discutidos no decorrer deste trabalho:

O trabalhador faz parte de uma dimensão social e busca desenvolvimento e relacionamento pessoal como fonte de satisfação. Assim, o tempo livre e a construção da liberdade são ideais, também, a serem conquistados. Faz-se pertinente a interação entre o tempo de trabalho, o tempo livre e o lazer, como forma de resgate do tempo, como superação do objetivo do capital e dos efeitos do capitalismo. Assim, o tempo livre ou o direito à preguiça defendido por Lafargue podem superar o capitalismo trazendo, ainda, aumento da produtividade nas organizações e melhoria da qualidade de vida e do próprio trabalho (ROSSO, 1996 apud FERREIRA, C., 2010)

Os indivíduos têm a ideia de que o seu tempo livre deva ser produtivo também, assim como o tempo que dedica ao trabalho. Às vezes o trabalhador tem o pensamento de que precisa usar o seu tempo livre pensando em como pode ser mais produtivo no trabalho para conseguir melhorar a sua situação, com isso o lazer também é afetado, pois uma atividade de lazer que seria feita no tempo livre, não será mais realizada porque o indivíduo abriu mão para dedicar-se ao trabalho. (FERREIRA, C., 2010).

Em suma, a relação entre lazer, tempo livre e capitalismo também gira em torno do consumo, porque o lazer seria o direito à preguiça, citado por Lafargue (1999); tempo livre, o tempo de liberdade e o capitalismo faz uso tanto do lazer quanto do tempo livre em seu próprio benefício.

“A história do capitalismo é toda ela a história de um prodigioso desenvolvimento da produtividade por meio do desenvolvimento da tecnologia.”  
(MARX, 2014, p.42),

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar os conceitos, principalmente no que tange o tempo livre, jornada de trabalho e capitalismo. Assim sendo, no segundo capítulo o foco da discussão foi o tempo livre, sendo o mesmo o tempo no qual o indivíduo está livre das obrigações contratuais do trabalho. No terceiro capítulo foi estudado o conceito de jornada de trabalho, sendo este o período que a pessoa destina ao trabalho, no capítulo seguinte houve uma breve explicação do capitalismo e suas correlações com os dois primeiros tópicos.

Apesar das discussões acerca do tempo livre e jornada de trabalho serem antigas, é muito importante que essas questões sejam discutidas nos dias de hoje, visto que há melhorias que ainda devem ser feitas. O capitalismo influencia a sociedade no sentido de que consumir é o melhor caminho, por exemplo, nos comerciais de televisão aparecem pessoas felizes por adquirirem tal objeto, como se àquelas que não o possuem fossem tristes, por este a publicidade é uma aliada do consumismo, pois é uma forma de atingir um alvo determinado.

Precisa-se fazer uma divisão entre tempo de trabalho e tempo livre uma vez que o tempo de trabalho é a jornada de trabalho que o indivíduo está cumprindo, e já o tempo livre diz respeito ao tempo que o indivíduo não estaria trabalhando, podendo escolher o que gostaria de fazer nesse período. Na sociedade capitalista, dizer que existe um tempo livre do capital é uma tarefa árdua, visto que o consumo, transporte e qualificação, por exemplo, fazem parte do tempo livre e por muitas vezes para consumir mais, o trabalhador obriga-se de trabalhar mais para conseguir comprar os objetos de desejo.

A exclusão social gerada pelo fato do indivíduo não ter condições financeiras de gastar seu dinheiro consumindo no tempo livre é um assunto bastante importante, pois na sociedade atual (onde o acesso à informação é muito rápido devido à questões que envolvem a globalização) é difícil entender que não é toda a população que tem acesso à internet.

É necessário que exista um tempo livre a ser usado com a finalidade de convívio com a família, atividades que façam com que o trabalhador reponha as energias para que possa-se enfrentar uma nova jornada de trabalho e não que ele tenha a preocupação de trabalhar, ficar estressado, fazer horas extras para conseguir consumir mais visto que é desta forma que o capitalismo funciona neste âmbito.

A jornada de trabalho é um fator decisivo na construção do tempo livre, visto que quanto mais o trabalhador está no seu trabalho, menor será o tempo livre e vice-versa. A saúde do trabalhador muitas vezes fica em risco por causa do estresse e cobrança no trabalho, visando isso é que algumas empresas utilizam de ferramentas que são utilizadas como forma de distração dos serviços do trabalhador, para que assim, depois do tempo de distração, o empregado volte aos afazeres mais contente, logo, mais produtivo e motivado. A redução da jornada de trabalho já foi estudada em outros países, chegando-se ao resultado de que a redução da jornada de trabalho aliada à tecnologia e ao bem-estar do trabalhador aumenta a produtividade.

Acredito que essa discussão deve ser mais intensa para que algum resultado seja obtido, a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho deve continuar, visto que as reformas trabalhistas não vão ao encontro das reivindicações dos trabalhadores. O conhecimento histórico torna-se algo importante para que entenda-se melhor sobre as causas dessas lutas, uma vez que as mesmas propiciam a mudanças que são aplicadas até hoje.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Victor Nobrega; ALMEIDA, Victor Hugo. Trabalho, tempo livre, lazer e ócio: da antiguidade aos tempos atuais. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano 16, n. 187, p. 121-132, dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/31701/17965>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ADORNO, Theodor. Tempo livre. In: \_\_\_\_\_. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995. p.70-82.

ALMEIDA, Felipe Mateus. Tempo livre e consumo na sociedade capitalista. **Revista de Ciências Sociais**, Vitória, v. 1, n. 19, p. 87-107, jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/13261/9747>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007. Disponível em <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1595/3577>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

ARMSTRONG III, Frank. Richard Thaler, a giant in economics, awarded The Nobel Prize. **Forbes**, Nova Iorque, 13 Oct. 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/frankarmstrong/2017/10/13/richard-thaler-a-giant-in-economics-awarded-the-nobel-prize/#5050eafe3a10>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

BLASS, Leila Maria Da Silva. Jornada de trabalho: uma regulamentação em múltipla escolha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 36, fev. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n36/36blass.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CALVETE, Cássio da Silva. **Redução da jornada de trabalho: uma análise econômica para o Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Programa de Pós-Graduação: Economia Aplicada - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CARDOSO, Ana Claudia Moreira. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia em regime de co-tutela) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo; École Doctorale da Universidade de Paris-8, São Paulo, 2007.

CARLOTTO, Sandra Mary; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 152-158, abr/jun. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1461/30353>>. Acesso em 01 out. 2017.

CIDADE sueca diminui jornada de trabalho e aumenta a produtividade. **Época Negócios**, São Paulo, 6 out. 2015. Disponível

em:<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2015/10/jornada-de-trabalho-reduzida-pode-aumentar-produtividade.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

DANTAS, Jéferson Silveira. **Resenha de Precariado: a classe perigosa**, 2015. Disponível em: < <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1616578721.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

DICIONÁRIO etimológico: etimologia e origem das palavras. [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. **Redução da Jornada de Trabalho: Uma Luta do Passado, presente e Futuro**. Nota técnica. Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_. **Meta II: relatórios**. Jornada de trabalho em países selecionados. Porto Alegre, 2007.

FARIA, José Henrique De; RAMOS, Cinthia Letícia. Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção do tempo de trabalho. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 47-74, mar. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ram/v15n4/03.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2017.

FERREIRA, Afonso. Empresas criam espaços com sofá, TV e videogame e reduzem demissões em 50%. **Uol Economia**, São Paulo, 24 out. 2014. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/10/24/empresas-criam-espacos-com-sofa-tv-e-videogame-e-reduzem-demissoes-em-50.htm#fotoNav=2>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FERREIRA, Camila Lopes. **Trabalho, tempo livre e lazer: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de produção, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Ponta Grossa, 2010.

FURLAN JUNIOR, Paulo Fernando. A redução da jornada de trabalho e seus benefícios. **Revista Eletrônica do CEMOP**, Sumaré, n. 02, set. 2012. Disponível em: < [http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/paulo\\_furlan.pdf](http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/paulo_furlan.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2017.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

JORNADA de trabalho de 6h aumenta produtividade e felicidade. **Terra**, São Paulo, 12 maio. 2016. Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/jornada-de-trabalho-de-6h-aumenta-produtividade-e-felicidade-revela-pesquisa,a2a52cf1c51df7ac01c6709894d1c38818a9nps6.html>>. Acesso em: 21 out. 2017.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

MACHADO, Danielle Carusi; MACHADO, Ana Flávia. **Um aspecto da subocupação por insuficiência de horas trabalhadas**: a análise do desejo de trabalhar horas adicionais. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 395-430, dez. 2010.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, volume I. 33 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MOCELIN, Daniel Gustavo. Redução da jornada de trabalho e qualidade dos empregos: Entre o discurso, a teoria e a realidade. **Revista de sociologia e política**, Curitiba, v. 19, n. 38, p. 101-119, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v19n38/v19n38a07.pdf>>. Acesso em 07 jun. 2017.

PADILHA, Valquíria. **Shopping center**: A catedral das mercadorias e do lazer reificado. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e racionalidade econômica**: Um par imperfeito. Dissertação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

REDUÇÃO da jornada de trabalho aumenta produtividade, diz Dieese. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 2 fev. 2010. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2010/02/02/internas\\_economia,170863/reducao-da-jornada-de-trabalho-aumenta-produtividade-diz-dieese.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2010/02/02/internas_economia,170863/reducao-da-jornada-de-trabalho-aumenta-produtividade-diz-dieese.shtml)>. Acesso em: 21 nov. 2017.

RIBAS, Lineu Ferreira; MANDALOZZO, Silvana Souza Netto. Repercussão social da redução da jornada de trabalho. **Publication UEPG Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, Ponta Grossa**, v. 12, n. 2, p. 73-82, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/511/513>>. Acesso em 25 maio. 2017.

ROSSO, Sadi Dal. **A jornada de trabalho na sociedade**. 1 ed. São Paulo: LTr, 1996.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; ESTRAMIANA, José Luis Álvaro. “Tempo livre” e “tempo do trabalho”: a dissolução das fronteiras temporais. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: <[www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/1138](http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/1138)>. Acesso em: 01 jun. 2017.

SISTEMA DE INDICADORES DE PERCEPÇÃO SOCIAL – SIPS. **Trabalho e tempo livre**. Brasília, DF: IPEA, mar. 2012

THE 100 Best Companies to Work For. **Fortune**, 2017. Disponível em: <<http://fortune.com/best-companies/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

TRABALHAR menos horas aumenta produtividade? Consultoria sugere que sim. **UOL**, São Paulo, 15 ago. 2016. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/empregosecarreiras/noticias/redacao/2016/08/15/trabal>>

har-menos-horas-aumentaprodutividade-consultoria-sugere-que-sim.htm>. Acesso em: 30 ago. 2017.